
JORNAL DOS VIZINHOS

O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

7ª edição

Dezembro 2024

Distribuição gratuita

Venda proibida



Ilustração: Robnei Bonifácio



ESCOLA
DO OLHAR

*Em memória de Luziete Fernandes, vizinha do MAR e grande parceira da Escola do Olhar.
Celebraremos sua existência todos os dias, Dona Luziete.*

Promover o lançamento da 7ª edição do “Olhar dos vizinhos no Jornal da Zona” reafirma a missão do Museu de Arte do Rio: de ser um equipamento cultural amplo e democrático. E vemos isso diariamente na relação do MAR com a Pequena África, que vai muito além da questão territorial. Nossas trocas ocupam o espaço e principalmente ampliam o encontro com as pessoas que habitam a zona portuária e as comunidades do entorno. Entre esses moradores, estão os Vizinhos do MAR, nossos parceiros de intercâmbio de diálogos, experiências, cafés, atividades e afetos.

A área da Praça Mauá e seu entorno, a chamada Pequena África, foi palco da nossa história colonial, pois a região próxima do Cais do Valongo recebeu um dos maiores quantitativos de escravizados do mundo. Hoje, o MAR é um dos equipamentos destinados a rever essa história, esses traumas, refazer os laços, conscientizar seu público e agir para que a memória seja, de fato, coletiva e reparadora.

O Museu de Arte do Rio, assim, perpassa e atualiza o desafio de não cooptar discursos, mas, ao contrário, se tornar o espaço construído em diálogo com seus públicos, principalmente com seus vizinhos. Essa nova edição do jornal tem esse papel fundamental de trazer em textos, palavras, opiniões e reportagens, as histórias de nossa gente e nossas ruas.

Uma excelente leitura!

Rodrigo Rossi

Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil

Basta se aproximar do Museu de Arte do Rio para perceber a importância e a força da região a que pertencemos. O MAR que pisamos hoje abriu as portas para o público com o compromisso de preservar e valorizar a sua região e seu entorno: tão abundante em cultura, personagens, movimento e vida. Dentro do contexto do que falamos sobre o compromisso ético de um Museu, está a importância de preservação do passado conectado com o presente e projetando um futuro. E quando falamos nisso, passamos pela criação anual desse potente instrumento chamado Jornal dos Vizinhos.

Nessa preservação da memória que não pode e nem deve inexistir, o Museu de Arte do Rio, em todas as suas ações, permanece dialogando e compartilhando seu espaço com os agentes e personagens do seu entorno. Aliás, abrimos espaço para que eles possam contar suas histórias, manter suas narrativas, celebrar suas vivências e principalmente – através da escrita – transformar as próprias vidas.

É uma alegria poder celebrar a 7ª edição do “Olhar dos vizinhos no Jornal da Zona” e conhecer as histórias que perpassam por um museu que vive toda a potencialidade da região na qual está inserido. Afinal, é essa valorização das nossas raízes que torna o Museu de Arte do Rio “o mais carioca dos museus”.

Sandra Sérgio

Diretora Executiva do MAR
Coordenadora Nacional de Projetos Especiais da OEI no Brasil



Café com Vizinhos - Fotografia: Beatriz Gimenes

DAS RUAS PARA DENTRO, DO MUSEU PARA FORA

POR PATRÍCIA MARYS

Na 7ª edição d'O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA fomos convidados a nos debruçarmos sobre as ruas e o que elas nos ensinam, com suas referências sociais e estéticas. Por um lado, nosso desafio foi trazer a rua em sua forma estética e suas referências visuais – semáforos, placas e postes de luz que funcionam em redes, articulam, dinamizam e iluminam a vida urbana. Por outro lado, foi lançar luz sobre o que mais nos importa: como as pessoas e suas relações constroem as ruas e como as ruas as constroem.

Seguimos buscando trazer para a centralidade da construção do jornal os nossos vizinhos do Museu de Arte do Rio (MAR) que produzem e são produzidos pelo território. Também seguimos no desafio de ampliar e consolidar os vínculos com as crianças através de uma linguagem estética que se comunique com esse público. Por fim, nesta edição, buscamos trazer para estas páginas formas de fazer redes, de produzir articulações, investigando e apresentando como se constituem e se organizam os coletivos e suas ações sociais.

Esta edição está dividida em cinco seções: Ofícios e Saberes; Memórias; Relíquias; Referências e Movimentos. Na primeira, a já tradicional Ofícios e Saberes, apresentamos 3 projetos da região – todos tocados por mulheres e tendo como público-alvo especialmente mulheres. De um lado, o Instituto AYÓ e o Providenciando a Favor

da Vida que visam acolher mulheres em vulnerabilidade social fomentando o empreendedorismo através de cursos que gerem renda; sendo o Providenciando, ainda, voltado ao acolhimento de grávidas e suas crianças. Do outro, o Coletivo Elas por Elas, formado por trabalhadoras informais, que busca dar suporte às trabalhadoras que movimentam as ruas em um ofício que tem suas raízes seculares.

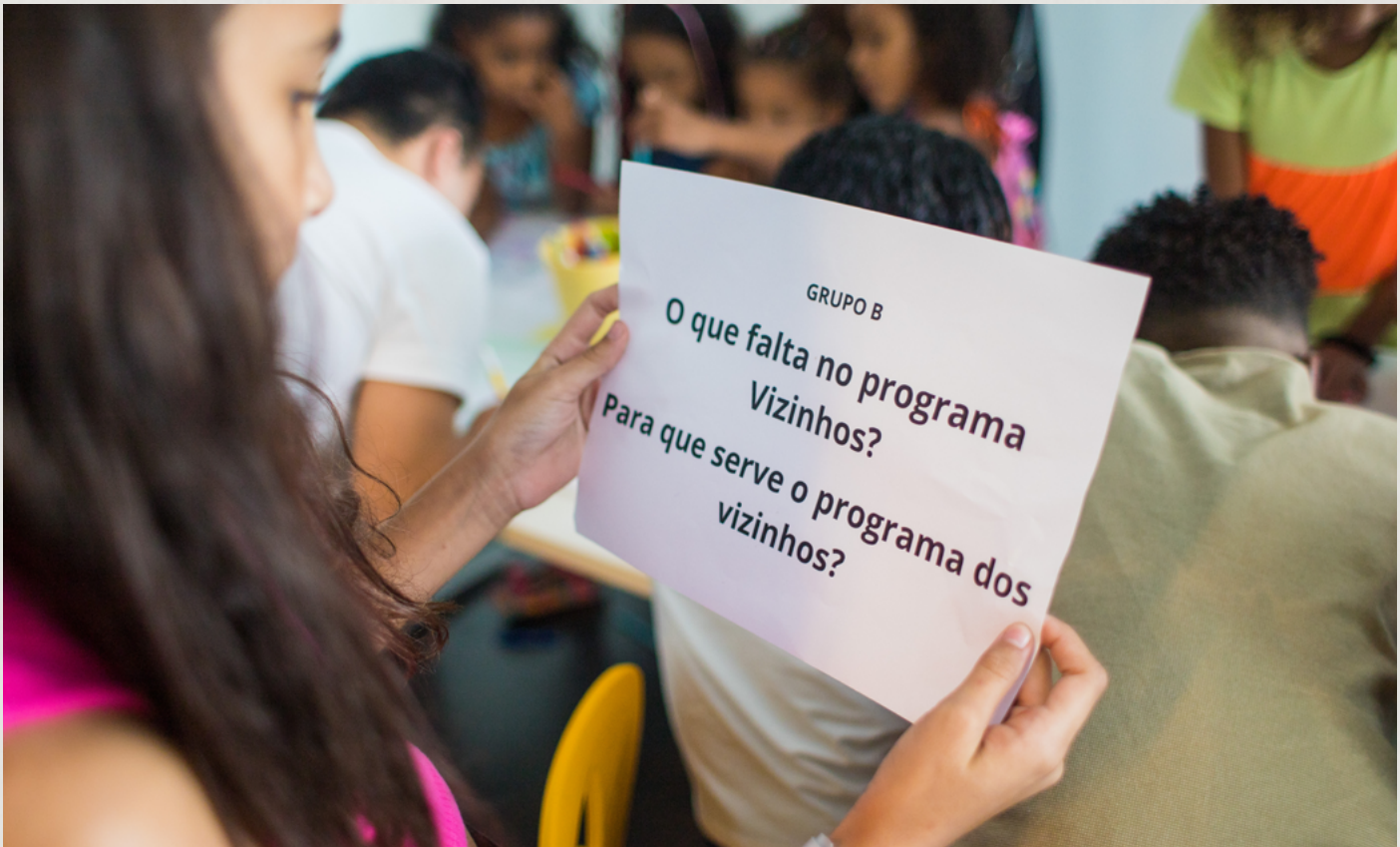
Para a seção Memórias, trouxemos duas mulheres negras e seus projetos de guardar memórias: Conceição Evaristo, com a Casa Escrivência – dedicada a reunir o acervo bibliográfico de pessoas intelectuais negras – e Fabiana Keller, com o Projeto Caju Cultural – dedicado a pesquisar e

apresentar para o público a História do bairro do Caju.

Já na seção Relíquias, estreamos mais um dispositivo de mediação desenvolvido pela Escola do Olhar em parceria com as Mulheres Independentes da Providência (MIP): o Relíquias do Território. Trata-se de um jogo de cartas com a apresentação de 10 mulheres através de mini-biografias que contém foto, nome e as características que fazem com que cada uma delas seja vista como referência no território. O jogo de cartas será usado tanto pelos educadores do MAR, quanto pelo coletivo MIP. Os jogadores poderão tentar conhecê-las ou reconhecê-las através de algumas pistas, e entender sua importância.



Morro da Providência - Fotografia: Douglas Dobby



Café com Vizinhos - Fotografia: Beatriz Gimenes

Na seção Referências, traçamos os perfis de pessoas que aglutinam projetos de resistência e impacto social, lideranças que guardam grande visibilidade dentro de suas comunidades. Para tanto, apresentamos as trajetórias de vida de Tassiana Nascimento e Bombom – duas lideranças dentro e fora de ocupações da região, tendo suas ações sociais voltadas para o acolhimento de crianças e pessoas em situação de rua, respectivamente.

Por fim, mas não menos importante, temos a seção Movimentos. O nome faz referência tanto aos movimentos sociais como aos movimentos do corpo. Isso porque os 3 projetos apresentados nesta seção – Santo Skate, Bom de Bola, Bem na Escola e Diamantes da Favela –, são voltados para o público infanto-juvenil e têm o esporte como instrumento de transformação social.

À parte das seções, prestamos uma homenagem especial à Dona Luziete, a nossa Lu. Vizinha do MAR, quituteira no território, grande parceira do Museu, responsável por fazer nossos cafés nos encontros com os vizinhos. Com todo seu afeto, generosidade e saberes múltiplos, construiu o que seguimos e perseguimos na Escola do Olhar. Hesito dizer que muito do que caminhamos a passinhos tem do seu olhar e de suas mãos. Lu espalhava luz por onde passava, tinha na comida, na voz, no seu existir o ato de celebrar a vida. Sempre sorrindo. Lu foi a primeira pessoa a me receber de peito aberto no MAR. Desejo que esta edição, os Cafés com Vizinhos e todo o nosso trabalho da Escola do Olhar sigam compartilhando a luz que Luziete irradiou até aqui. Sendo referência, inspirando todas as outras a também seguirem sendo no compartilhar o tempo do outro.

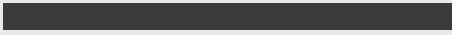
Como nos diz os escritos de Byung-Chul Han: “o tempo que se deixa acelerar é o tempo do Eu. Ele é o tempo que eu tomo para mim. Ele conduz à falta de tempo. Há, porém, também outro tempo, a saber, o tempo do outro. O tempo do outro como dádiva não se deixa acelerar. Ele também se furta ao trabalho e ao desempenho, que sempre exige meu tempo. A política temporal do neoliberalismo desfaz o tempo do outro, pois ele não é eficiente. Em oposição ao tempo-do-eu, que isola e singulariza, o tempo do outro promove a comunidade. Apenas o tempo do outro liberta o eu narcisista da depressão e exaustão.”

Celebremos, assim, o tempo do outro, em confluência uns com os outros entre o Museu e a rua!



Morro da Providência - Fotografia: Douglas Dobby

SALVE, VIZINHANÇA!

POR FELIPE VIANA 

Esta edição do jornal não busca “fazer” a história, mas criar um espaço de memória para que nem o tempo a apague. Para isso, nada melhor do que conhecer as histórias a partir daqueles que vivem e constroem nosso querido território da Pequena África. Nossa área passa por constantes transformações, mas é fundamental lembrar que, antes de tudo, ela é formada por pessoas que aqui passaram e aqui ainda vivem, ocupando diariamente suas ruas, morros e vielas, compartilhando saberes e criando laços coletivos que impactam muitas vidas, seja por meio do esporte, da arte, dos ofícios ou das relações sociais, como vocês verão nas próximas páginas.

Preservar essas memórias populares é essencial para que possamos manter um canal de acesso ao passado. Por isso, temos nos empenhado em caminhar lado a

lado com a comunidade, adotando uma visão contracolonial que se alinha com o território, visão essa inspirada por pensadores como Nego Bispo e Conceição Evaristo. Todos os dias, ao passar pelo Largo da Prainha, em meio a centenas de escritos, gosto de observar a frase “preto é lindo”, escrita num longo muro aos pés de uma igreja do século XVII, um verdadeiro convite à reflexão. Ela me lembra da beleza e da força que sustentam nossa identidade e que buscamos refletir nas páginas deste jornal.

Nosso objetivo é visibilizar trajetórias dos nossos vizinhos e vizinhas, preservando as narrativas daqueles que vivem concretamente as relações com esta terra. As vivências acumuladas de algumas dessas pessoas lhes dão um legítimo lugar de referência no território. E são essas histórias que viemos contar a vocês!



PORTO EM MOVIMENTO

POR JINAKI KETEMA

As vivências se conectam entre
becos, vielas, asfaltos, favelas
Diegão captura o que a cidade
esconde com apenas suas lentes,
deixando tudo bem mais
iluminado

A sua bela arte responde ao mar
diretamente de Gramacho

Bombom, guerreira
Lutando pela Zona Portuária
Se lança e luta por moradia e co-
mida, pelo que muitos esquecem
Que estão nessa luta diária

Dona Sônia, tua luz ainda brilha
forte e tem se expandido
Na Ocupação Elma, cultiva a
resistência e esperança
Independente dos pesares
Vem com a biblioteca levando
afeto e cuidado às crianças.

Tassiana, mantém o legado
Com a força de Sônia, fazes cres-
cer a infância
Expandindo sonhos com projetos
educacionais
Criando um futuro que vai além
da lembrança

Paulo cozinha com alma e coração
A comida no prato é importante
Pois seguiremos forte sempre se
tivermos uma decente refeição

Vinícius na ladeira, skate na mão
Através do esporte transforma a
Providência
Reproduz o conceito de cuidar da
saúde física
A disciplina na sua essência

Fabi Keller, trazendo um Caju
cultural
A história do Caju não será
esquecida
Será contada com verdadeiras
perspectivas
Trazendo representatividade com
narrativas cajuenses que celebram
a vida

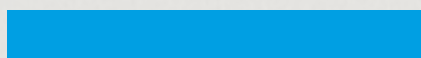
Diegão, através das lente, destaca
a visão
Bombom, os resultados refletem
boa ação
Tassina, tua força é o que move a
multidão
Paulo, resistência da alimentação
Vinícius, manobras de skate geram
muita emoção
Fabi, o pseudofruto cuidado pela
nossas próprias mãos
Dona Sônia, tua memória é raiz
que cresce fundo e transborda
no coração

SUMÁRIO

O I

OFÍCIOS E SABERES

Instituto AYÓ, por Felipe Viana	13
Elas por Elas, por Coletivo Elas por Elas Providência	15
Providenciando, por Raquel Spinelli	17



O A

MEMÓRIAS

Casa Escrevivência, por Conceição Evaristo e Ruanna Sander	21
Um Cajueiro de Histórias, por Coletivo Caju Cultural	23
Caju no Mapa, por Jinaki Ketema	25

04 |

REFERÊNCIAS

Tassiana Nascimento, por Robnei Bonifácio	34
Bombom, por Robnei Bonifácio	36

05

MOVIMENTOS

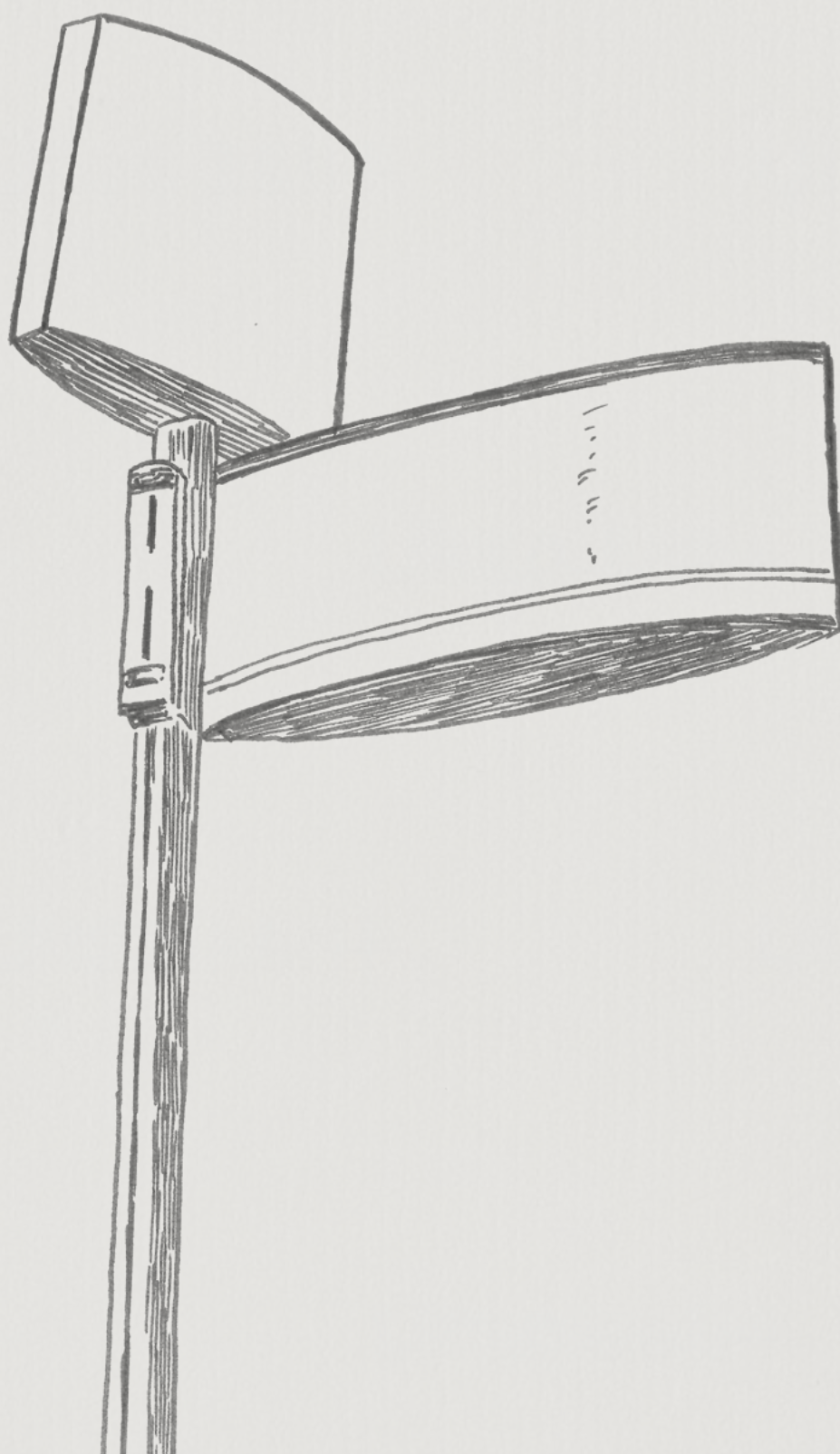
Santo Skate, por Felipe Viana	39
Diamantes da Favela, por Ney Robson	42
Bom de Bola, por Marcos Frigideira	44

03

RELÍQUIAS

Relíquias do Território, por Miriam Generoso e Felipe Viana	27
--	----

OI OFÍCIOS E SABERES



INSTITUTO AYÓ

POR FELIPE VIANA*

Morador da Pequena África, Educador de Projetos do MAR, apaixonado pelo rio e pelas ruas. Do interior, da cultura e dos saberes populares.



Formação de mulheres no Instituto Ayó

Sankofa é um provérbio africano que nos ensina a importância de retornar às origens para, com sabedoria, perceber nosso potencial e avançar — tanto de forma individual quanto coletiva. É representado por um pássaro que voa para a frente com a cabeça voltada para trás e que, no bico, carrega um ovo: o futuro. A história de Adriana Siqueira, liderança da Providência que você vai conhecer nas próximas linhas, traz o passado ao presente e o ressignifica com os olhos no que ainda está por vir, buscando no que foi perdido um motivo para transformar centenas de vidas.

Mulher preta e oriunda de ocupações do Rio de Janeiro, Adriana é fundadora e CEO do Instituto AYÓ, palavra que vem do Yorubá e significa alegria e felicidade. Quem busca pelo projeto nas

redes sociais, por onde grande parte da divulgação é feita, se depara com a frase “atuamos incansavelmente na luta contra a desigualdade”. Daí já notamos o tom do que ela tem como objetivo de vida. Em 2021, quando o isolamento social da pandemia do Covid-19 estava em processo de flexibilização, ela deu o primeiro passo para cumprir um de seus principais objetivos: o de devolver ao território o apoio que ele lhe deu em 2015, quando chegou ali.

Junto com Fernando Zulu, seu marido, Adriana começou a se atentar às demandas latentes no Morro da Providência. Ela já tinha atuado no coletivo afro-centrado “Ação e Cidadania Machado de Assis” durante a pandemia e, lá, chegou a fazer intervenções com entrega de alimentos aos moradores do morro. De porta em por-

ta, buscando conhecê-los, fez um diagnóstico social pelas ruas, identificando as necessidades e os problemas enfrentados pela vizinhança. Dessa forma, estava fazendo um diagnóstico social que mudaria seu território. Uma coisa, em especial, chamou sua atenção: muitas mulheres estavam enfrentando dificuldades. Elas haviam perdido seus postos de trabalho, passavam por violências e ficavam boa parte do dia na porta de suas casas, o que as rendeu o título pejorativo de “fofoqueiras”.

Com um olhar diferente e na tentativa de entender o porquê das moradoras estarem sempre por ali, a empreendedora percebeu, nelas, o desejo de serem acolhidas, reconhecidas e mudarem de vida. Mas como, então, poderia ajudá-las?

*Este texto foi escrito a partir de entrevista realizada com Adriana e da sua participação no Café com Vizinhos no mês de agosto de 2024.



Adriana Siqueira, CEO do Instituto Ayó

Adriana concluiu que elas precisavam ser emancipadas financeiramente. Na busca por inspiração, referência e união no próprio morro para tornar isso possível, surgiu uma parceria com a extensionista de cílios Priscila Andreyra. Sem recurso público, as duas decidiram capacitar essas mulheres para o mercado de trabalho e o primeiro espaço em que se instalaram foi na Associação de Moradores, local cedido por Guiga, o presidente à época. No boca a boca, Adriana conseguiu 20 cadastros iniciais, mas somente quatro compareceram no primeiro ciclo de aulas. Através de muita persistência e financiamento próprios, o projeto formou oito mulheres em seu primeiro ano de atuação.

No final da primeira turma o seu marido, de forma honesta, perguntou se o projeto daria certo. Mesmo morando de aluguel e com as limitações, Adriana manteve a fé: “desistir não é uma opção pra mim, sabe? Porque quando eu comecei o motivo era muito maior do que a causa, então eu vou continuar com meu

motivo e vou abraçar essa causa que eu adotei”.

E que bom que ela não abriu mão! Em 2022 o instituto conseguiu formar 40 alunas e o crescimento não parou.

No mesmo ano, Adriana se aproximou da Secretaria de Política e Promoção da Mulher e fechou uma parceria que resultou na qualificação do número expressivo de 288 profissionais em 2023. A partir daí algumas portas se abriram e outras parcerias se deram. Uma delas foi com a Companhia Carioca de Parcerias e Investimentos (CCPar) Porto Maravilha, que forneceu um espaço no Mercado Popular da Central. Por lá o impacto foi ampliado com dois novos cursos, um para designers de sobancelhas e outro para as interessadas em trançar cabelos.

As formações atuais do AYÓ acontecem de segunda à sexta e, com um olhar ainda muito atento sobre a trajetória das mulheres atendidas, a equipe percebeu que ampliar o público atendido era necessário: elas não estavam sozinhas e suas famílias ainda precisavam de apoio. Para que os homens também ajudassem na renda da casa, surgiu o curso de barbeiro. Agora são nove contando com o de depilação, maquiagem, designer de

unhas (que acontece no Morro do Fogueteiro) e o laboratório de negócios, que surgiu do entendimento de que não dá só para qualificar as mulheres e pronto: “são mulheres de favela e o mercado não as abraça”. Elas precisam conseguir se organizar financeiramente e pensar de forma estratégica para não sofrerem riscos!

O projeto tem um salão de beleza para que as profissionais, ao finalizar o curso, já comecem a atuar, mas o espaço que hoje atende o Instituto ainda carece de cuidados e infraestrutura. Há tentativas de parcerias com empresas privadas para reformar os espaços e o sonho da Adriana é criar novos salões e ecoar a potência dessas profissionais para que elas possam trabalhar e garantir o seu próprio sustento: “a gente não tem como garantir direitos na ONG, mas a gente viabiliza a garantia dos direitos delas”. As inscrições dos cursos são feitas diretamente pelo instagram do Instituto AYÓ, que conta com uma lista de espera devido à grande demanda. Em 2024, até o dia da entrevista, o projeto já contava com cerca de 400 pessoas atendidas. O público-alvo são moradores de favelas de todo o território do Rio de Janeiro, sobretudo os que vivem em vulnerabilidade social.

Foi através das ruas e becos da Providência que ela despertou a vontade de atuar em coletivo, bem como cantou Chico Science e a banda Nação Zumbi, “o homem coletivo sente a necessidade de lutar”. Seus conhecimentos geram muitos frutos e ofícios que direcionam hoje a vida de muita gente, mostrando na prática o conceito bonito e verdadeiro de Sankofa: olhando para trás, entendemos de onde viemos e para onde queremos ir com os que estão ao nosso lado.

ELAS POR ELAS

COLETIVO ELAS POR ELAS PROVIDÊNCIA

Coletivo de trabalhadoras informais formado em 2023 no Morro da Providência. Hoje atuante não só nele, mas na Zona Portuária e no centro da cidade.

Você já pensou na cidade do Rio de Janeiro sem trabalhadoras ambulantes? Um carnaval? Um show? Uma fila sob um sol escaldante? A praia naquela tarde de domingo? A parada de ônibus num dia quente? O estádio de futebol? Na pandemia, quem viveu sem entregadores de aplicativo? Pois é. Nós, trabalhadoras informais, somos uma importante en-

quitutes, frutas, panos da costa, entre outros produtos indispensáveis para as vidas corridas da Capital. Mas, mesmo fundamentais, não deixaram de passar pelo radar das forças de repressão de sua época. Desde essa época, nossas condições de trabalho não condizem com o fato de sermos fundamentais para a vida na cidade grande como ela existe hoje.

O Elas por Elas surgiu no início de 2023 e é formado por mulheres que desempenham trabalhos informais e têm seus direitos em risco. Hoje somos cerca de 20 trabalhadoras que acreditam que só no coletivo é que vencemos, porque nossos sonhos e ações são por igualdade e justiça social. Nós nos articulamos para levar o amor e a solidariedade!



Ação informal de conscientização do Elas por Elas na Uruguiana

grenagem para a vida e economia da cidade. E essa história vem de longe!

No Rio, durante o último século de escravidão, nossas ancestrais vindas de África e aqui submetidas a serem “escravas de ganho”, faziam a vida e batalhavam por sua liberdade como quitandeiras – também chamadas de ganhadeiras e negras de tabuleiro. Eram elas que dominavam o pequeno comércio de rua vendendo

Prova disso são os recorrentes episódios de violência que vivemos no exercício de nossas atividades de trabalho. No ano de 2022, Carol Alves, nossa idealizadora, protagonizou uma abordagem truculenta por parte da Guarda Municipal enquanto trabalhava vendendo frutas no bairro do Méier. Infelizmente esse não foi um caso isolado, mas foi dele que nasceu a vontade de tornar coletiva a luta diária por respeito.

Somos trabalhadoras e não somos invisíveis: queremos que as nossas companheiras se sintam ouvidas e acolhidas. Atuamos em várias frentes e uma delas é a conexão de advogados populares a trabalhadoras que sofreram violência ou repressão no trabalho.

Outra frente de atuação consiste na realização de ações de conscientização para as particularidades que o trabalho ambulante tem para nós, mulheres. Nesse sentido, estamos realizando - em regiões de comércio popular na cidade, como o Saara e Madureira - ações com pontos de apoio para trabalhadoras ambulantes e entregadoras de aplicativo, onde instalamos banheiro químico e distribuimos café da manhã, água potável e kits de higiene.

E nossa resistência é feita também com festa! Neste ano fizemos o primeiro arraiaá 100% voluntário aqui no Morro, motivo de muito orgulho. A criançada se divertiu nas brincadeiras, comeu o que teve vontade, sem que os pais se preocupassem com os gastos. Não foi fácil, mas a gente fez acontecer porque elas merecem. Quantas de nós não puderam viver isso quando menores?

Além dessas ações, temos o sonho de abrir uma cozinha solidária em parceria com MTST para



Carol Alves em ação na Uruguiana

distribuir quentinhas para pessoas em situação de rua, para entregadores de aplicativos e vendedoras ambulantes.

Sonhamos com uma cidade inclusiva e antirracista, onde nossas crianças tenham acesso à educação de qualidade, à moradia

digna, à segurança e o direito de envelhecer com saúde e alegrias!

Unidas conseguimos muito mais e o coletivo que estamos construindo só prova isso a cada encontro. Uma vez por semana, nos reunimos para debater necessidades e pensar em estratégias para reivindicar e conquistar tudo aquilo que a legislação nos promete. Enquanto não conseguimos um espaço para nós, nossos encontros têm acontecido na Praça da Harmonia, na Quadra da Brink's e/ou na sede do Diamantes da Favela, onde Carol atua na equipe de relações públicas.

Se você é ou conhece trabalhadoras que possam se identificar com o coletivo, nos procure pelas redes sociais ou entre em contato com uma das nossas integrantes. Nosso grupo está crescendo e você, da Providência ou de outros territórios, pode contar conosco. Juntas vamos lutar por justiça social e pela valorização de nossos trabalhos, proporcionando momentos de alegria e união para as famílias do Morro. Se ainda não somos, nos faremos ser reconhecidas!



Carol e Shenia em ação

PROVIDENCIANDO

POR RAQUEL SPINELLI

Mãe do Daniel (12 anos) e do Gabriel Santiago (5 anos). Fisioterapeuta, especialista em saúde pública, doula e fundadora do Providenciando a Favor da Vida.



Roda de gestantes, Providenciando

Em 2011, andando pelas ruas do Morro da Providência, comecei a observar uma grande quantidade de gravidezes não planejadas acontecendo. Eu sou fisioterapeuta e na época dava aulas para grávidas em outros bairros da cidade, onde acompanhava gravidezes felizes. **Vendo os desafios que especialmente as jovens do meu bairro viviam ao saberem-se grávidas, fiquei sensibilizada com a situação e iniciei o desenho de um projeto para que esse processo pudesse ser vivido de forma desejada e mais tranquila: o intuito era, de alguma forma, fornecer amparo – e assim foi feito.**

Não é porque a gente é de baixa renda que a gente tem que fazer as coisas de qualquer maneira, certo? Podemos planejar o futuro e a vida, criar estratégias para evoluir. Eu comecei ajudando as grávidas a darem à luz, mas com o

passar do tempo percebi que isso não era o suficiente porque elas precisavam voltar ao mercado de trabalho, não tinham com quem deixar o bebê ou alguém para conversar, algumas eram mães solo... Todas essas dificuldades me fizeram perceber que o objetivo inicial de ajudar na gestação e no nascimento não bastava, elas precisavam de mais. Assim, fomos criando programas paralelos para atender as outras demandas das mães: creche, rodas de gestantes, grupos de apoio e acolhimento.

Em 2014, essa junção das atividades resultou na criação da ONG “Providenciando a Favor da Vida”, que já impactou mais de 2500 pessoas! O que contribuiu muito para todo esse alcance em 13 anos de atuação foi a formalização jurídica: buscando ampliar o impacto, hoje podemos dizer que

somos uma organização privada sem fins lucrativos. Isso tornou possível a parceria com empresas, governos e pessoas voluntárias, que chegaram para contribuir com muita energia positiva e força de trabalho.

A gente trabalha em diversas frentes, desde antes do bebê nascer, até a primeira infância. Os primeiros meses após o nascimento podem ser desafiadores emocionalmente e, buscando fornecer orientação e recursos para ajudar a aliviar a ansiedade e preparar melhor os pais, oferecemos grupos de apoio e acompanhamento que ajudam a lidar com questões como a depressão pós-parto e o estresse. Muitas vezes os pais se sentem isolados ou inseguros, como no caso das gestantes que tanto me impactaram em 2011. Por isso, oferecer uma rede de suporte em coletivo é essencial para criar um senso de pertencimento e reduzir a sensação de isolamento.

E no “Providenciando” incentivamos a presença dos pais sempre, viu? Uma das fragilidades sociais que mais encontramos é a ausência paterna e o machismo estrutural que vem minando o bem-estar de muitas mulheres e crianças. Lutamos contra isso na prática, incluindo os assuntos sobre masculinidade e sempre atraindo os pais para momentos de troca e participação na vida de seus filhos. Ainda temos uma maioria de mães solo na creche, por exemplo, mas estamos avançando!

Creche Comunitária Anita Way:

A nossa creche surgiu em agosto de 2022 para que os pais tenham um espaço de qualidade para deixar seus filhos em tempo integral. Famílias em situação de vulnerabilidade costumam enfrentar desafios para encontrar cuidados infantis de qualidade e acessíveis, então a Anita Way surgiu para preencher essa falta oferecendo um ambiente seguro e de qualidade para as cerca de 144 crianças que atendemos hoje. Temos programas e atividades apropriados para cada idade e que promovem o aprendizado, os estímulos adequados e o crescimento saudável dos bebês. É um alívio para pais que precisam trabalhar ou estudar, pois permite que eles cumpram suas responsabilidades sem se comprometer inteiramente ao cuidado de seus filhos.

Projeto “Por um Fio”:

Outro projeto que desenvolvemos é o “Por um Fio”, que prepara mulheres para o mercado de trabalho através da costura. Muitas pessoas em situação de vulnerabilidade enfrentam dificuldades para encontrar e manter um emprego, às vezes sem conseguir se sustentar e progredir. O “Por um Fio” nasceu para mudar essa realidade e tem impactado muitas mães e mulheres, como é o caso da Gláucia, que realizou seu sonho de ter um ateliê:

“No projeto eu me senti apta a montar meu ateliê que era um desejo já antigo. Me trouxe técnicas que eu não imaginava que existiam e me capacitou para que eu pudesse mergulhar em um novo caminho profissional.” (Gláucia Freitas, empreendedora no Ateliê Estrela)



Roda de gestantes, Providenciando

A gestão do Providenciando é composta por moradores das comunidades e 90% dos nossos funcionários são da Zona Portuária. A gente valoriza muito, também, a contratação de mão de obra de quem já é ou foi beneficiado pelos nossos projetos. Por isso investimos em parcerias com outras organizações sociais da região, além de estarmos sempre buscando ocupar espaços de parceiros do território.

Para nós, é um privilégio contribuir para a vida dessas mulheres. Com a gestão deste projeto, conseguimos alcançar ótimos resultados neste ano. Mediante pesquisa realizada com as formandas, 25% já estão gerando renda a partir dos conhecimentos adquiridos. Para nós, isso é um excelente começo e um incentivo para continuarmos investindo nossas habilidades na construção de um mundo de oportunidades para essas mulheres. (Itislei Vidal, gestora

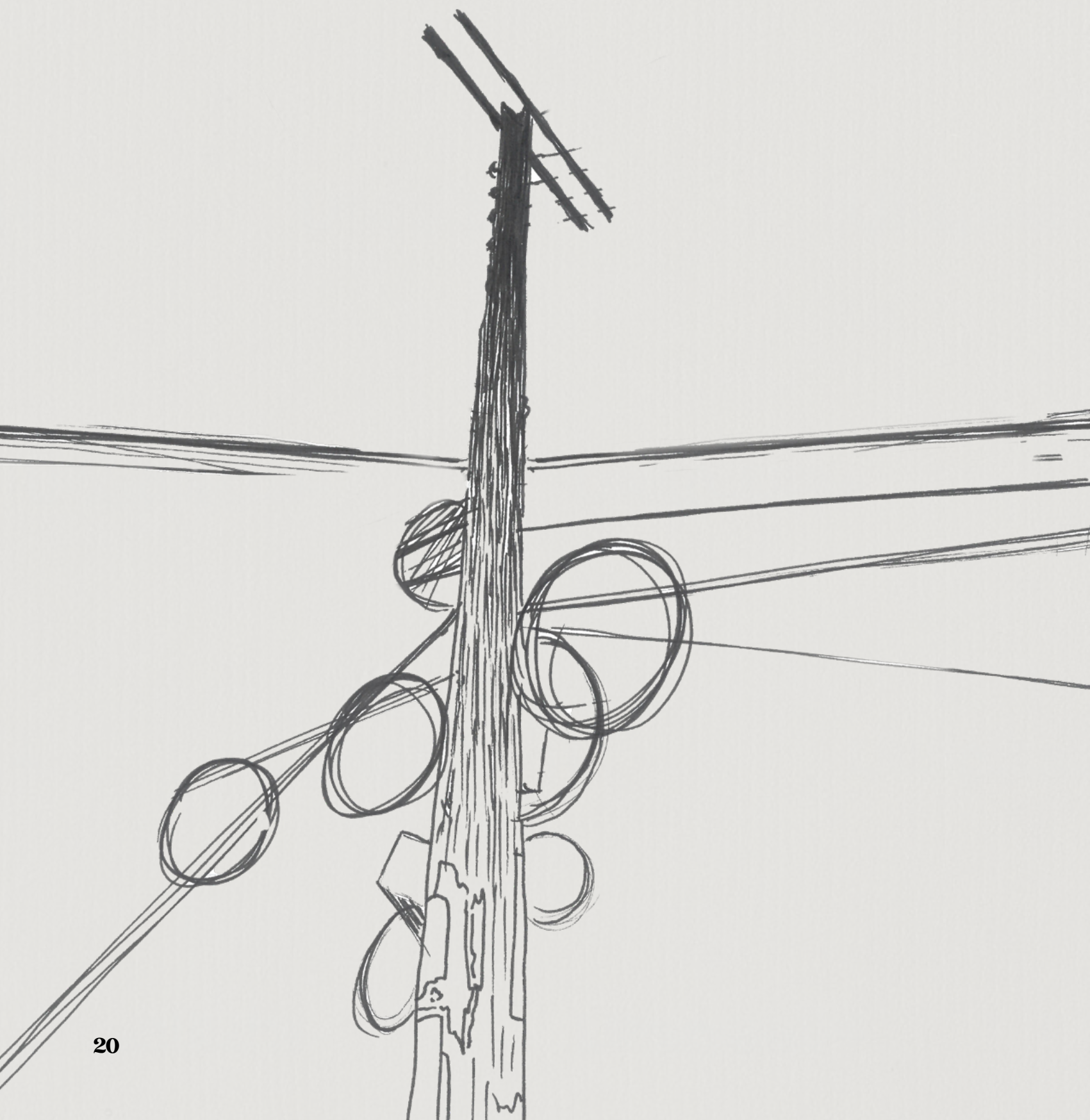
de projetos da ONG)

Graças a essas colaborações, ao longo desses 13 anos de atuação, acumulamos muitas histórias de transformação. Foram mais de 700 bebês vestidos, enxovais doados, gestantes acompanhadas, planos de parto elaborados e a primeira infância protegida. Não são apenas números, mas vidas que receberam dignidade na chegada a este mundo. Seguimos!



Costureiras do Projeto Por um Fio

| 02 MEMÓRIAS



CASA ESCRIVIVÊNCIA

POR CONCEIÇÃO EVARISTO E RUANNA SANDER

Conceição Evaristo é escritora, moradora da Pequena África e guardiã de memórias. Ruanna é antropóloga atenta às dinâmicas urbanas que produzem as cidades, especialmente a Região Portuária do Rio.

Contemplando a sua biblioteca que foi sendo formada ao longo dos anos e se sentindo incomodada por ter tanto material de leitura sem circulação, Conceição Evaristo pensou primeiramente em organizar uma biblioteca comunitária. Essa ideia foi se ampliando ao acompanhar o destino dado aos acervos, após a morte, de vários intelectuais negros conhecidos. O espólio dessas pessoas, livros, manuscritos, fotos, documentos, etc., ficam fadados ao desaparecimento ou à disputa entre familiares ou alguma instituição que se coloca à disposição para ser o repositório da memória do que a pessoa produziu em vida.

Foram estes pensamentos que impulsionaram uma das maiores intelectuais da história do Brasil a fundar a Casa Escrevivência. Localizada no Beco João Inácio, que fica no bairro de Saúde (Zona Portuária), o espaço surgiu do sonho da mineira em ter um ambiente físico que abrigasse o acervo literário adquirido, escrito e referenciado por ela ao longo de sua vida. Em maio de 2022, Conceição tirou do papel a ideia que estava em sua cabeça há 5 anos. A procura pelo lugar ideal se iniciou e alguns critérios foram levados em consideração: lugares relacionados à presença histórica de africanos e seus descendentes na cidade do Rio de Janeiro.

A ligação da escritora com o território carioca se dá a partir

dos anos 70. Ela nasceu em Belo Horizonte, se mudou para o Rio e, aqui, escreveu grande parte de sua história. Após muita procura, depois de uma entrevista e com a ajuda de um leitor que abriu mão de um espaço utilizado por ele, a autora finalmente materializou o seu sonho. Em março de 2023, foi inaugurada a Casa Escrevivência Conceição Evaristo.

O nome do espaço faz referência ao termo criado por Evaristo, que une o verbo “escrever” com substantivo “vivência”: escrevivência é a escrita como resultado do cotidiano, das lembranças e experiências vividas por quem as coloca no papel. O laboratório intelectual da autora abriga mais de 2.500 livros e, numa tarde despreocupada de terça-feira, eu e Felipe, produtores da Escola do Olhar, fomos conhecê-lo de perto. Quem nos recebeu foi Margarida Abrahão, uma das pessoas da equipe da Casa Escrevivência – que é dirigida por Conceição Evaristo e Ângela Bispo. Margot, como é chamada, nos pareceu uma espécie de guardiã do espaço.

A guia de turismo, que conhece profundamente a região, carinhosamente deu detalhes do início dessa empreitada e suas intenções a longo prazo:

A espinha dorsal da casa é a biblioteca, mas, como Conceição diz, “o espaço atual é pequeno para o sonho do que é a Casa Escrevivência.”



O sonho é abrir o espaço para estudantes de escolas públicas, e possibilitar a professores e estudantes advindos de outros estados, ou da própria cidade do Rio de Janeiro, como a Baixada, uma espécie de residência a fim de abrigar e dispor o empréstimo do acervo para fins de pesquisa. Transformar a Casa Escrevivência em um espaço acessível, permitindo que deficientes físicos e com mobilidade reduzida possam usufruir e desfrutar da Casa com qualidade é um dos grandes desejos da autora também.”

A inauguração da Casa aconteceu em julho do ano passado e foi marcada por três dias de programações. No dia 20 daquele mês, último do evento, uma fila extensa de pessoas se espalhou pelas ladeiras estreitas do Morro da Conceição e do Largo da Prainha para ver de perto a escritora e terem seus livros autografados – a sessão foi das cinco da tarde à meia-noite. O espaço é provisório e deve ser expandido com o passar dos anos, pois tem limitações físicas. Mas o fato de se fixar primeiramente na região que denominamos de Pequena África carrega, consigo, múltiplos significados.

A trajetória de Conceição se dá como professora, estudiosa de literatura e escritora. Sua criação literária se inspira na história, na memória, na ancestralidade, luta e legado de um povo que há 500 anos desembarcava no Cais do Valongo, localizado há poucos metros dali, para terem seus destinos atravessados e marcados pela escravidão.

Este é só o começo da Casa Escrevivência. E, como disse a autora em um artigo publicado em 2006, durante um congresso de “Mulher e Literatura”, realizado no Rio de Janeiro: “a nossa Escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, mas sim, para incomodá-los em seus sonhos injustos.” Assim seja!



“Margot” na Casa Escrevivência

UM CAJUEIRO DE HISTÓRIAS

POR COLETIVO CAJU CULTURAL

Coletivo que resgata e propaga a memória e a história do bairro do Caju, conhecido como bairro imperial, mas cuja história vem de muito antes e vai para muito além da morada da família real.

O Bairro do Caju, um dos mais antigos da Cidade do Rio de Janeiro, tem sua rica história ligada ao desenvolvimento do país, foi o que descobriu Fabiana Keller ao se mudar para lá há 24 anos.

Cria da comunidade Vila Parque da Cidade, na Gávea, e participante ativa das atividades culturais e educativas locais, Fabiana não se conformou com a situação cultural e social do Caju. Havia apenas um museu no bairro – o Museu da Limpeza Urbana, lugar de convergência dos jovens e dos moradores mais antigos. Tendo as atividades do museu se encerrado em 2012, a população cajueense ficou órfã de cultura e de atividades de lazer.

Nesse cenário, Fabiana,

que é professora formada pela UERJ, começou a se envolver nas atividades das creches e escolas do bairro. No ano de 2019, já envolvida com atividades sociais, ambientais e assistenciais, cria, juntamente com Camila Rodrigues, fotógrafa, e Ariane Souza, líder comunitária, o Coletivo Caju Cultural, com o intuito de resgatar a memória e a história do bairro por meio de publicações em um perfil no Facebook. No mesmo ano, o Coletivo criou e colocou em prática o Projeto “Praça, lugar de brincar”, que leva crianças do bairro para ocupar os espaços públicos com brincadeiras de rua e rodas de leitura. O Coletivo levou um grupo de moradores – em parceria com o Grupo Juntos Somos For-

tes, ao Circo Flutuante, abriu conversas com o Arsenal de Guerra do Rio para visita ao Museu, que até então era desconhecido dos moradores, com a Casa São Luiz, que também possui um museu e então, a descoberta: o bairro não possuía apenas um museu, mas três!

O abraço simbólico à Casa de Banho de Dom João VI (Museu da Limpeza Urbana) e a denúncia da precariedade em que viviam funcionários e idosos do Asilo Socorrinho – Antigo Hospital de Nossa Senhora do Socorro, foram algumas das ações mais emblemáticas do Coletivo na tentativa de impedir que o bairro perdesse seus espaços de memória.



Fabiana Keller em ação no Bairro do Caju



Rafaela Rodrigues e Vinícius Almeida, Bairro do Caju

No decorrer dos anos, a formação do coletivo mudou, novos membros foram sendo agregados e, juntamente com Fabiana se tornaram referência para estudantes universitários, para as escolas locais e entidades públicas, como as Clínicas da Família, bem como para os próprios.

Os passeios-aula, realizados mensalmente pelo Coletivo, conduzem os participantes não só pelas ruas do bairro, mas pela história. Em parceria com Samantha Lobo, do Necrotourrj, o Coletivo começou a oferecer passeios pelo Cemitério São Francisco Xavier, o mais antigo cemitério público do

país. São diversas histórias e personalidades conhecidas e desconhecidas do público. Os passeios são temáticos e têm conquistado o público carioca. Para quem não sabe, o Bairro do Caju possui, com seus 4 cemitérios, a maior necrópole da América Latina e nelas figuram, por exemplo, Cartola, Clarice Lispector, Emílio Santiago, Pereira Passos, entre outros.

Para os membros do Coletivo Caju Cultural, resgatar o passado é apenas um dos passos para recuperar a dignidade e o protagonismo do bairro que abrigou não somente a Família Imperial, mas o Clube de Regatas Cajuense, o Clu-

be de Regatas São Cristóvão, Mavilis Futebol Clube e viu, em suas areias, surgir a prática do vôlei de praia no país, além dos banhos de mar a fantasia, que costumava ocorrer em carnavais passados e da batalha de confete que acontecia nos bondes que circulavam pelo bairro.

A retomada de tradições como a Procissão de São Pedro, os blocos de carnaval, festas juninas e Bumba meu Boi também estão no radar dessa turma.

CAJU NO MAPA

POR JINAKI KETEMA

Lá na favela onde a gente mora
É tão complexo quanto essa poesia
Somos 9 favelas dentro de um pseudo fruto
E enxergamos atalhos dentro dos becos e vielas da nossa periferia

Compreendemos a paixão que existe no sorriso de cada criança
Dentro dos nossos parques temos esperança
Sabemos olhar a semelhança, entre cajueiros e cajuenses, frutos dessa vivências

Queremos ser tão grandes quanto o ponto mais alto do bastião, o Lajão.
Tão Festivos quanto um baile na chatuba na quadra do Seninha
Serenos e calmos quanto o Novegalo, parque conquista
Linha de frente pra brasil, como parque da alegria

Ser reconhecido como algo, como a Vila Mexicano

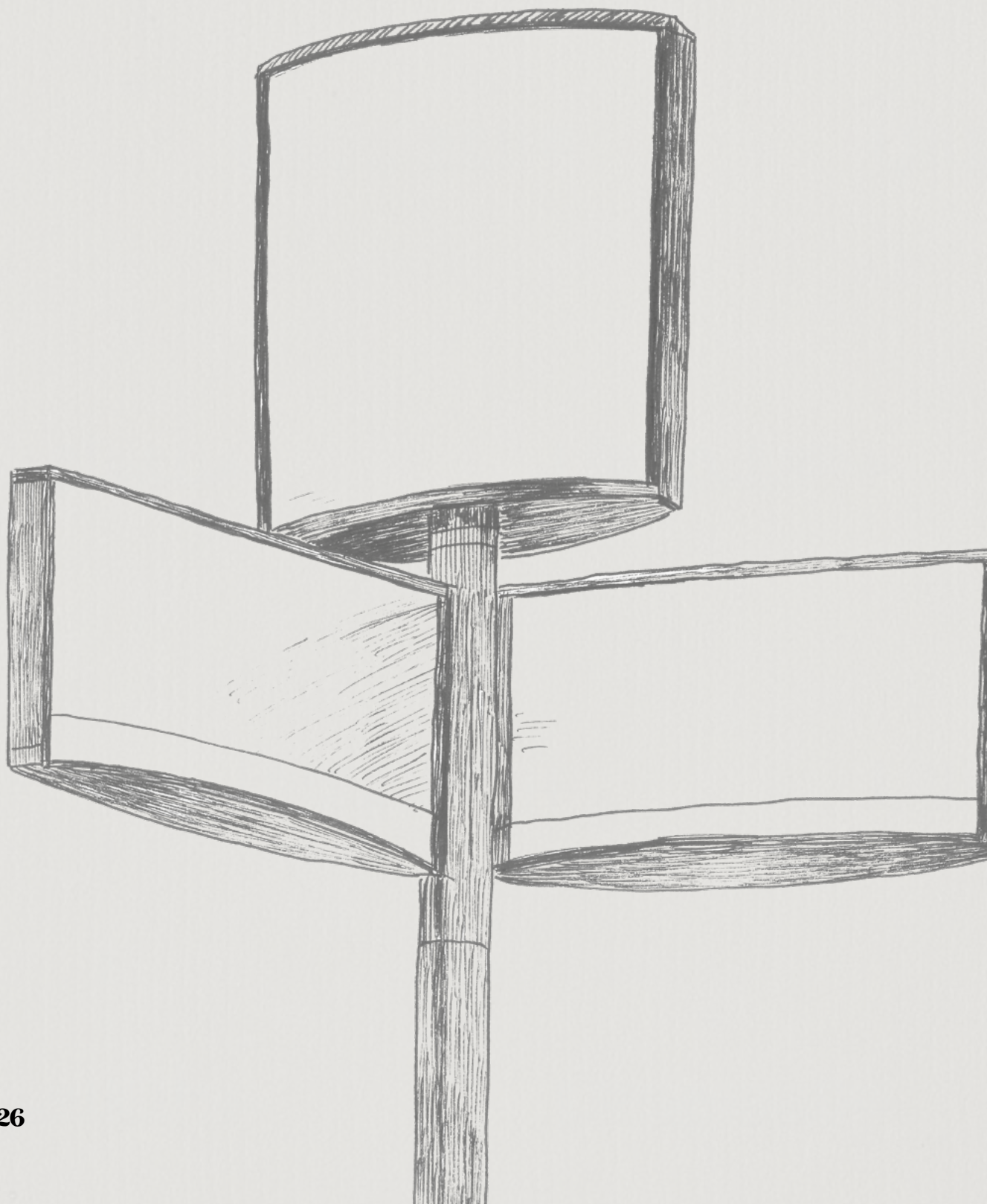
Cuidar um do outro como postinho de saúde cuida na Clemente
Seguros quanto manilhas
Ao ponto de segurar e cuidar da nossa gente

Não queremos ser esquecidos como Museu da Casa de Banho
Queremos ser lembrados para além do cemitério
Pois fazemos parte da memória deste Rio
E usamos a arte-educação como ministério

É sério, somos sementes de castanhas para povoar essa terra

Somos a continuação dos Akayu
Damos gol de letra dentro da nossa favela
Colocando o Caju no mapa, centro zona portuária e mandando papo reto pra tu

103 RELÍQUIAS



RELÍQUIAS DO TERRITÓRIO

POR MIRIAM GENEROSO E FELIPE VIANA

Miriam é mulher, preta, favelada, cinéfila, moradora e articuladora territorial do Morro da Providência e coordenadora do MIP. Felipe é morador da Pequena África e Educador de Projetos do MAR.

O território da Zona Portuária é muito amplo e cheio de lideranças femininas que contribuem para a garantia dos direitos ao lazer, cultura, alimentação, esporte e moradia à população. O diagnóstico socioterritorial realizado em 2022 pela Escola do Olhar indicou que o perfil demográfico da área dos Vizinhos do MAR é constituído por moradores que, em sua maioria, são do sexo feminino: 60,5%. Grande parte delas se declaram pardas e/ou pretas e estão na faixa etária dos 21 a 40 anos. Através do trabalho do núcleo de

redes e territórios, entendemos a importância de lançar um olhar de protagonismo a essas histórias. Desse pensamento surgiu o Relíquias do Território!

A ideia é usar um dispositivo que já existe por aqui, o “Naipes Pretos”, adaptando-o para o território dos Vizinhos. Nossa equipe começou a criá-lo junto ao projeto Mulheres Independentes da Providência (MIP), que são consideradas referências no território. A partir daí, selecionamos 10 mulheres e escrevemos mini-biografias que contém foto, nome e as caracte-

terísticas que fazem com que cada uma delas seja vista como referência por aqui. O jogo de cartas será usado tanto pelos educadores do MAR, quanto pelo coletivo MIP. Através das cartas, jogadores poderão tentar conhecer ou reconhecer estas mulheres através de algumas pistas, e entender sua importância.

Para além do jogo de cartas, pretende-se criar um arquivo online no site do MIP com informações mais completas dessas mulheres, para que sirvam como um acervo de memórias para futuras pesquisas e projetos.



O Coletivo MIP

O Coletivo MIP – Mulheres Independentes da Providência (MIP) – é dedicado às mulheres do Morro e seu entorno, almejando ampliar conhecimentos e promover a transformação intelectual, social e econômica. A organização atua em dois eixos estruturantes: o “MIP Empreendedor” e o “MIP Formação Educativa”. O primeiro atua através de programas de capacitação, profissionalização, mentoria e empreendedorismo, já o segundo promove a construção coletiva de saberes com uma rede de apoio e acolhimento que pro-

duz conhecimento com diversas atividades educacionais, letramento racial, troca de habilidades e outras metodologias didáticas que desenvolvem o pensamento crítico e intelectual das mulheres, colaborando com práticas que buscam a valorização de si e do território.

O Processo de Escolha

Nós, juntamente com Miriam Generoso, buscamos um olhar atento às narrativas das mulheres da Zona Portuária e um diálogo ativo com as moradoras assistidas diretamente pelo Coletivo MIP. Para a escolha das Relíquias

do Território, foram pensadas as relações afetivas construídas pela pesquisadora e a consulta coletiva em encontros com as integrantes do MIP para que estas também expusessem suas opiniões sobre quem seriam suas referências. Na pesquisa foram mescladas mulheres que já possuem visibilidade e outras que, de forma não tão visível, se fazem necessárias para acolher e fortalecer a vizinhança.

Bora conhecê-las?

RELIQ DO TER

LIDERANÇA SOCIAL
EMPODERAMENTO
QUALIFICAÇÃO
PROFISSIONAL



Adriana Siqueira

Liderança social nascida em uma família de matriarcas. Esta referência é formanda em Gestão Pública e idealizadora de um instituto que promove e estimula ações de emancipação para mulheres moradoras da favela.

LIDERANÇA
COMUNITÁRIA
IMPACTO SOCIAL
ATIVISTA DOS
DIREITOS HUMANOS
E DA DEFESA DOS
ANIMAIS



Gisele Dias

Liderança Comunitária e ativista dos Direitos Humanos e dos Animais. Está no cargo de Presidente da Associação de Moradores do Morro da Providência e atua nas ações de melhoria da comunidade.

IGUALDADE
CULTURA
CARNAVAL DE RUA
EMPODERAMENTO



Rosiete Marinho

Cria do Morro da Providência (ou Morro da Favela, como ela prefere chamar). É Presidente da Liga de Blocos e Bandas da Zona Portuária e há anos atua na preservação do Carnaval de Rua da Pequena África. Filha de uma professora e compositora, teve na mãe o maior exemplo de luta pela cultura e pelo empoderamento das mulheres.

LIDERANÇA
ESCUTA
TERRITÓRIO
FEMININO



Miriam Generoso

Coordena o MIP onde desenvolve projetos que visam potencializar mulheres através da escuta ativa e afetuosa. Acredita que conhecer a Pequena África a partir de referências femininas é uma forma de recontar sua história, valorizando a relevância dessas personalidades que ajudaram a construir o legado desse território.

ARTE-EDUCAÇÃO
CÓRES
TERRITÓRIO
EDUCAÇÃO
AMBIENTAL



Aline Mendes

Fundadora de um projeto que une arte e responsabilidade ambiental. Reaproveitando tintas e com pincel nas mãos, estimula a sensação de pertencimento, desconstruindo a imagem negativa midiática da favela e fortalecendo os laços afetivos entre os moradores e o território. Seu objetivo é "mostrar o quanto uma gota de tinta é capaz de transformar uma criança na favela".

QUIAS RITÓRIO



Maria da Penha dos Santos
(Dona Penha)

Moradora da Provi há 42 anos, é artesã e atuou como mediadora social em um projeto governamental que tinha como principal objetivo o empoderamento feminino, o combate à violência de gênero e a diminuição no índice de adesão de jovens ao tráfico de drogas. Mas também é muito conhecida por ser rezadeira, o que lhe dá grande reconhecimento comunitário.



Raquel Spinelli

Fisioterapeuta por formação, atua oferecendo suporte físico e emocional às gestantes. Há dez anos tem ajudado a trazer ao mundo muitas das crianças que hoje correm pelas vielas do Morro da Providência. A creche comunitária criada por sua ONG atende em torno de 140 crianças. Diz não ter escolhido, mas sim ter sido escolhida pelo território que a acolheu e onde desenvolve o papel de cuidar de tantas vidas com amor e carinho.



Wilma Maria da Silva

Cria da Providência, utiliza a dança para promoção do senso de cidadania, coletividade e inclusão. Com as pontas das suas sapatilhas estimula sonhos e abre possibilidades, impulsionando reflexões e influenciando transformações na vida de crianças e jovens na comunidade onde vive.



Heloisa Aristides Santos
(Dona Heloisa)

Conhecida pelo exercício do Sagrado, tornou-se referência pela prática de cura através da fé popular e amenização das dores e males do corpo e da alma. Além de dominar uma das práticas populares mais antigas do Brasil, é também uma guardiã das memórias que envolvem o desenvolvimento do Morro da Providência. Por suas mãos, muitos encontraram conforto.



Juraci Viola Gomes
(Dona Jura)

Tem mãos de fada e um tempero irresistível. Há alguns anos comanda um empreendimento que já é "point" na Praça Américo Brum, no alto do Morro da Providência, onde seu gnocchi é o carro-chefe. Entende que a alimentação tem papel importante na construção e fortalecimento comunitário, além de auxiliar na manutenção das redes afetivas.

CASA AMARELA

TELEFÉRICO

CENTRAL



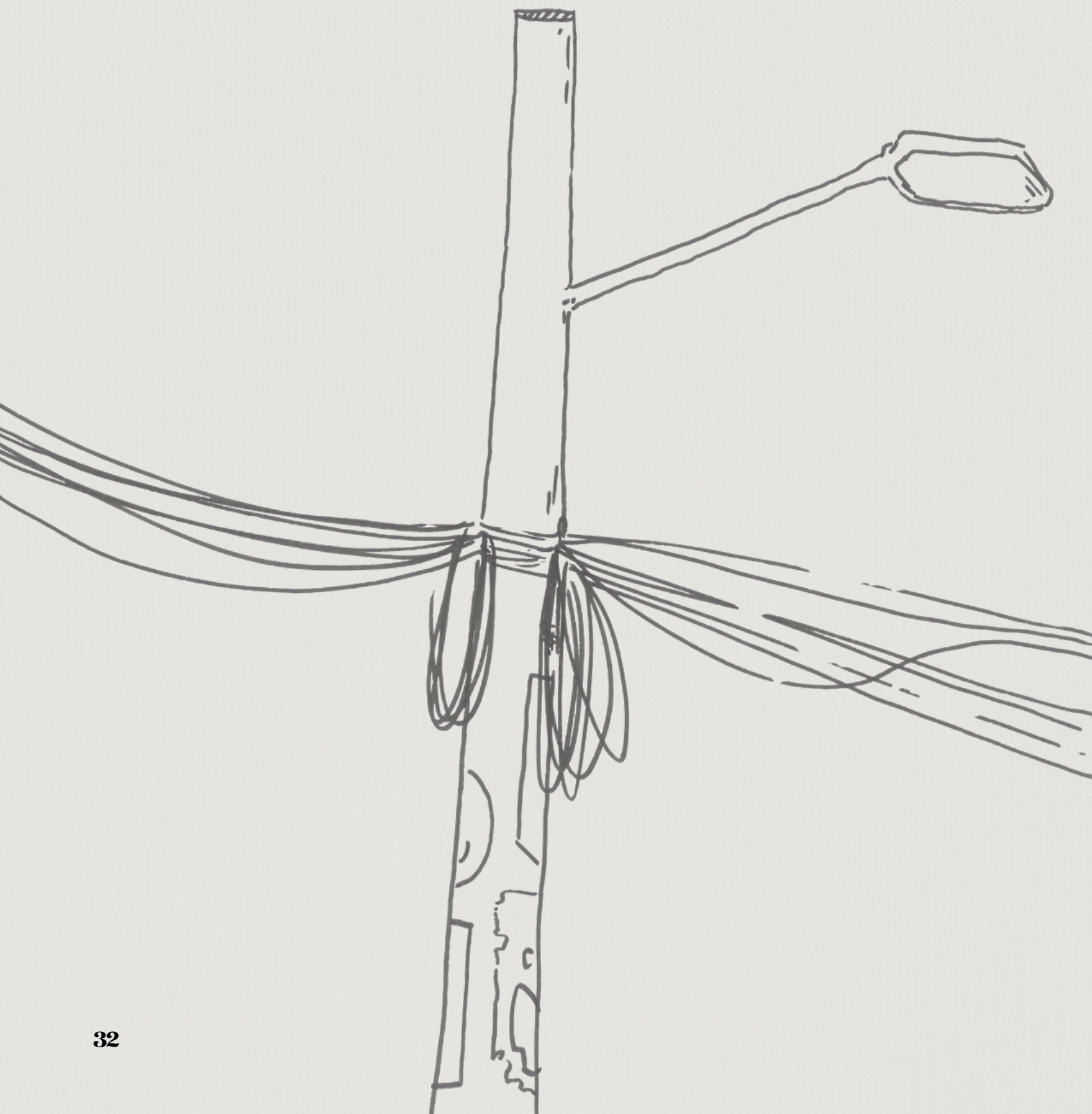
MIRANTE DO CRUZEIRO

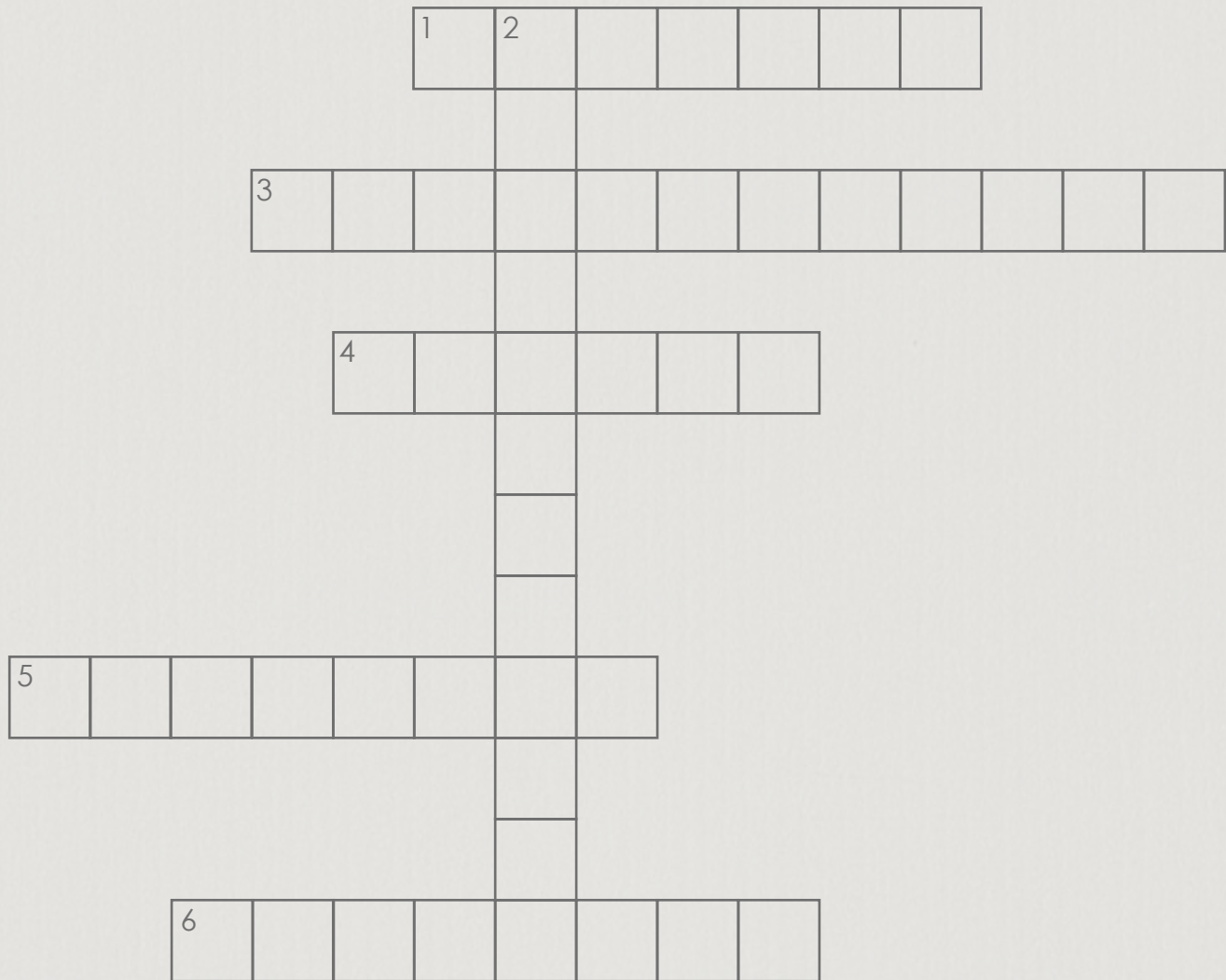




04

REFERÊNCIAS





VERTICAIS

2. Uma das características da cidade sonhada pelo coletivo Elas por Elas.

HORIZONTAIS

1. Provérbio africano que nos ensina a importância de retornar às origens para, com sabedoria, perceber nosso potencial e avançar — tanto de forma individual quanto coletiva.

3. Forma como eram chamadas as escravas de ganho que trabalhavam como camelôs e vendedoras ambulantes durante o período escravagista.

4. Origem da palavra AYÓ.

5. Nome do Projeto do Providenciando a Favor da Vida que prepara mulheres para o mercado de trabalho através da costura.

6. Nome da Creche Comunitária do Providenciando a Favor da Vida.

TASSIANA NASCIMENTO

A BAIXINHA GIGANTE DA OCUPAÇÃO ELMA

POR ROBNEI BONIFÁCIO*

Artista e educador, vive, trabalha e transita entre Rio de Janeiro e Nova Iguaçu. Entre 2023 e 2024 foi Educador de Projetos da Escola do Olhar.

Há exatos 17 anos, em 2007, Tassiana Nascimento chegava à cidade do Rio de Janeiro — mais especificamente na Rua do Livramento, bairro da Gamboa, na região portuária. Ela tinha apenas 20 anos e muita história para contar. Os passos de Tassi, como é carinhosamente chamada por seus conhecidos, vêm de longe: ela nasceu no Sertão do Ceará, numa cidade chamada Nova Russas, “no meio do mato”, a aproximadamente 300 quilômetros da capital Fortaleza.

De sua primeira infância, traz boas recordações. Nascida no seio de uma família carente, lembra-se de ter sido uma criança muito amada por seus pais. Dos seus sonhos de infância recorda bem: “como criança nordestina, meu sonho era ter um pedaço de terra onde eu pudesse plantar”.

Quando estava com apenas 10 anos, o pai, seu “braço direito”, faleceu. Nesse momento, para ajudar sua mãe, uma “mulher muito trabalhadora”, foi também trabalhar. Seu primeiro trabalho foi em uma fazenda onde, supostamente, cuidaria de três crianças. Mal sabia ela que teria que pular o muro e literalmente fugir desse lugar para poder visitar sua família: seu patrão achava que ela era propriedade dele e, por isso, a aprisionava.

A criança que deveria cuidar de outras cresceu. Aos 18 anos,

foi chamada por uma tia, “sangue do meu sangue”, que morava em Niterói para trabalhar como babá de seus filhos. A promessa — que a fez atravessar oito estados, percorrendo quase 3 mil quilômetros entre o Ceará e o Rio de Janeiro — foi o salário que ganharia, alimentando seus sonhos de liberdade. Acontece que a história insistia em se repetir! Mais uma vez, se viu aprisionada em muito trabalho e sem remuneração. Tassiana tinha apenas o mínimo para seu corpo continuar vivendo: comida e cama para dormir.

Dessas correntes conseguiu se libertar mais rápido e, dois anos depois, desembarcava na região portuária do Rio, onde um novo capítulo de sua vida estava prestes a começar.

Foi nas correrias como ambulante que Tassi descobriu um novo ofício: vendendo picolé no Boulevard, água gelada no AquaRio e cerveja no Carnaval, foi conseguindo reestruturar sua vida.

Em um momento atribulado, Tassi recorreu ao Instituto Lar (Levante, Ande, Recomece), localizado na Rua do Senado, nº 200. A ONG nasceu em 2016 para apoiar o processo de reinserção social de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social e, durante dois anos, Tassiana frequentou o espaço.



Tassiana em ação na Biblioteca Sônia M^a Machado, na Ocupação Elma

Lá, como diz, “botei a mente em ordem”. Encontrou apoio psicológico, teve apoio de assistente social e fez o curso do projeto “Mães Pela Vida”, que fornece oficinas de capacitação com foco na geração de renda para mulheres em situação de vulnerabilidade social no centro do Rio. Até hoje tem ligação com as integrantes do projeto, onde conheceu pessoas fundamentais em sua trajetória.

Faz 9 anos desde que Tassi chegou na Ocupação Elma. Ali, encontrou mais do que um lugar para morar: achou uma família. Em suas palavras, a ocupação é “um campo de resistência”.

Ali estão pessoas que vivem em “um círculo de necessidades” e que, por isso, fazem um outro círculo girar: o da ajuda.

Foi ali que conheceu Dona Sônia, líder comunitária a quem a 6ª edição deste Jornal prestou uma homenagem. Para Tassiana, Sônia foi “base, meu espelho, minha escola, minha professora, foi minha mãe, avó de meus filhos”. Enquanto falava, seu filho Guilherme, de 5 anos, dizia “mamãe,

quando você fala da Irmã Sonia eu sinto saudade!”.

O projeto social de cuidado às crianças da Ocupação Elma foi iniciado por Sônia e é continuado por Tassi: “se está acontecendo

alguma coisa na Ocupação é porque alguém começou lá atrás. E esse alguém é Dona Sônia”, que

dizia “baixinha, quando eu morrer, você continua”. Assim tem sido feito! A promessa tem sido honrada, como confirma Milena, de 12 anos: “A dona Sônia faleceu, mas ela [Tassi] está cuidando de nós como dona Sônia cuidava”. Tassi é uma referência que atravessa gerações.

Foi Sônia, também, que iniciou a líder na ação social com as crianças. A mulher, que teve que aprender na marra a cuidar dos pequenos na sua própria infância, segue cuidando de crianças, mas agora como um propósito de vida e muito amor!

“Acolher” é um verbo que Tassiana pratica sem discriminação. Aprendeu, nesses anos de vida, que quem acolhe não lança olhar de diferença, acolhe a todos como iguais. Relata que quanto mais mergulha em sua espiritualidade, mais percebe que não é só sobre ela, não é sobre seu conforto, sobre só ela ter: “é sobre ter e dividir, estender a mão e compartilhar o que se tem. E é sobre lutar, com as armas que se tem e a partir de onde se está, por justiça social”.

Sua rotina é frenética e sua jornada de trabalho, longa. Ela acorda às cinco da manhã e trabalha até às oito da noite, às vezes até mais tarde. De domingo a domingo recebe crianças em sua casa para cuidar: “quando se mora no mesmo lugar em que se trabalha, é difícil separar o tempo de descanso do tempo de trabalho”. Mesmo assim, tenta conciliar suas correrias para manter sua casa, por um lado, e, por outro, as correrias para manter o projeto.

“Quando somos vistos como referência, grandes desafios vêm juntos” – reflete. Mas diz também que é no processo que se aprende: “o

processo amadurece, cria experiência”. Saber escutar, ter paciência e respeito ao próximo são qualidades apontadas por ela como indispensáveis para o trabalho social. E isso ela vem aprendendo com a vida, sem esquecer dos conselhos de Sônia: “Ela me ensinou que nem tudo se ganha na força. Às vezes tem que se recuar. Mesmo certo, tem-se que recuar. Às vezes, quando a gente acha que vai partir para o ataque a gente está como? Pacificando.”

Tassi vem construindo pontes, canais e redes para proporcionar às crianças o sentimento de pertencimento e acesso a tudo que elas quiserem. E é através da educação que escolheu lutar essa batalha, sempre se lembrando de que “não é porque elas [as crianças] moram em ocupação que elas não podem ter acesso aos espaços da cidade”.

Aos poucos, ela vem revitalizando o espaço do projeto de forma surpreendente. No último ano, o quartinho onde o projeto começou (uma cozinha onde ficava a biblioteca Elma) foi expandido para mais três espaços interligados. Paredes foram pintadas com murais coloridos (alguns pela própria Tassi) e um projetor de filmes foi instalado, mas uma de suas grandes vontades é adquirir computadores, pensando na acessibilidade virtual das crianças.

“Um passo de cada vez. Não é fácil. Muitas lutas já foram travadas, muitas barreiras ultrapassadas, mas quando trabalhamos com quem precisa, com quem tem fome, nós encontramos uma força surpreendente”.



BOMBOM

GARRA E GANA POR JUSTIÇA SOCIAL

POR ROBNEI BONIFÁCIO*

Dividida entre abrigos, hotéis populares, instituições sociais e ocupações, Bombom já passou pelos bairros do Rio Comprido, Maracanã, Guadalupe, Realengo, Anchieta, o Centro e a Zona da Leopoldina. Criada na Zona Oeste, hoje mora no centro da cidade e é ativista na luta dos moradores de ocupações e pessoas em situação de rua.

Defender o direito à moradia e à cidade é urgente: somente no centro do Rio, mais de duas mil famílias vivem nas quase 70 ocupações registradas por um levantamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), publicado no primeiro semestre deste ano. Quem luta por estas famílias?

Aos 43 anos, Bombom é uma liderança LGBTQIA+ dentro das ocupações. Sua trajetória de vida é marcada por uma infância dividida entre brincadeiras de criança e a vida nos abrigos: com 9 anos seu pai faleceu e sua madrasta a colocou para fora de casa, o que a fez ir para seu primeiro abrigo. Foi lá que Leila Lau, então presidente de uma associação de moradores em Magalhães Bastos e uma de suas três mães de criação, a conheceu e a levou à Guadalupe, na Zona Norte.

Acolhida, começou a dar aulas de lambaeróbica e participou do antigo e já inexistente projeto estadual Jovens Pela Paz, que fornecia uma bolsa de estudos a jovens em vulnerabilidade social. O

valor possibilitou que ela vivesse em uma kitnet alugada durante algum tempo e criasse a festa Tropa dos Vingadores com amigos da in-

de refrigerante”, a distribuição aconteceu em Realengo e Bangu até o fim da festa.

Como afirma o intelec-

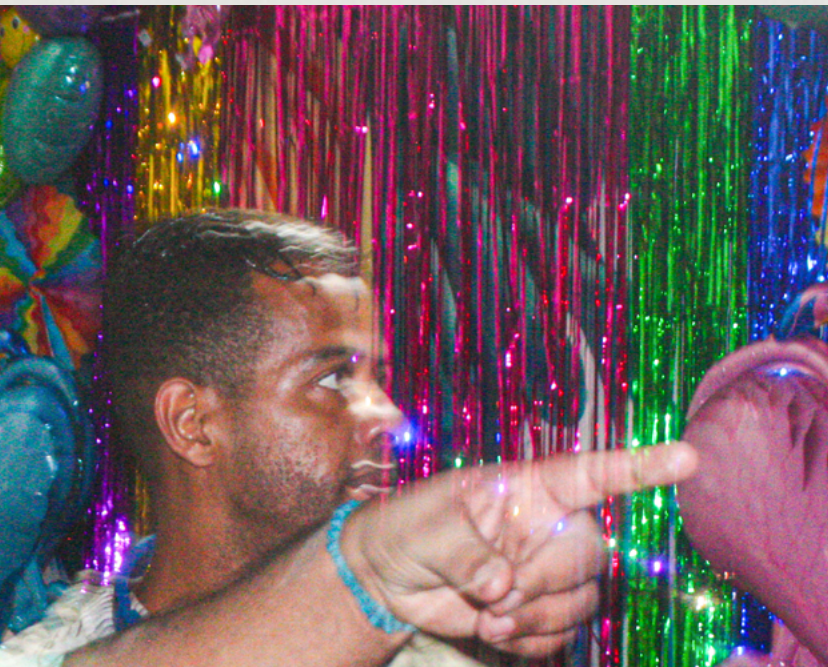


fância que vendiam os ingressos e bebidas.

Logo após a segunda edição, percebeu que aquilo tudo “era divertido, era alegre, mas faltava alguma coisa”. Inquieta e andando por Bangu à procura de copos para a próxima festa, olhou para os lados e, vendo a quantidade de pessoas em situação de rua, percebeu que também já tinha pegado comida na rua quando era mais nova. A partir dali, 20% do lucro da Tropa foi revertido a quentinhas e mantimentos para pessoas nessa situação: “Cada um com uma caixa de papelão na cabeça, cheia de quentinhas, outros com a mochila cheia

tual Antônio Bispo (Nêgo Bispo) no livro “A terra dá, a terra quer”, “toda prática alimentar que se conecta com as festas se torna mais forte. [...] As nossas festas são instrumento de defesa das nossas práticas alimentares, pois a festa é mais forte do que a Lei, o Estado não consegue quebrar os modos de vida quando eles estão envolvidos nas festas”. Junto com os colegas da Tropa, este foi um despertar para as ações sociais que a líder desenvolveria mais a frente.

Quando Dona Leila precisou esvaziar o prédio em que Bombom morava, pois ele se transformaria numa creche, mais uma vez viu-se sem teto. Depois de mais algumas moradias provisórias, acabou tendo que voltar para as ruas. E, novamente, iniciou uma trajetória por novas unidades de reinserção social: o hotel da Central Popular, o Rio Acolhedor e um Centro Provisório de Acolhimento



Bombom em uma confraternização

(CPA), no Sambódromo.

Bombom não conseguiu se acostumar aos abrigos por conta das exigências de horário — ela conta que, em um deles, os acolhidos eram obrigados a ir à rua em horário comercial e só voltar no fim do dia. Contudo, foi durante esse processo que conheceu Márcia, Kelly e Thaís, lideranças de movimentos de ocupação pelo centro do Rio. A partir daí, foi apresentada e se mudou para a “Denise Presente”. A ocupação, já desativada, homenageou a memória e a vida da mulher que liderou a ocupação Oi Telerj, que chegou a ter mais de 5 mil moradores.

Na pandemia, Bombom participou da ONG De Volta ao Lar, que distribuiu mantimentos para pessoas em vulnerabilidade social e ajuda a custear as passagens de volta para migrantes em situação de rua. Recebeu, também, o dinheiro necessário para realizar um curso de auxiliar de porteiro e, assim, manter seus custos de vida.

Sempre envolvida nestes projetos, começou a atuar em uma

ação da Igreja Católica Santo Antônio, na Carioca: “eles deram suporte para todos os moradores da ocupação Denise Presente, cada um teve o direito de escolher três coisas de prioridade para a sua casa”. Lá, se aproximou do Frei Diego, que fazia aniversário um dia depois dela: “ele perguntou para

mim o que eu queria de presente de aniversário” e Bombom respondeu que desejava móveis. Foi aí que o líder religioso, hoje padre em outro estado, lançou uma vaquinha on-line e reverteu as arrecadações para Bombom e os outros moradores da ocupação.

No dia 7 de abril deste ano, o prédio de Bombom pegou fogo e tudo foi perdido. Naquela manhã de Páscoa e de festa às crianças, as chamas tomaram conta de tudo: “A minha dor é muito grande, não é pequena, é uma dor que só Deus sabe quando vai passar ou se eu vou superar isso”, desabafa. “Não é se agarrar a bens materiais, é o que

eu conquistei” depois de anos na busca por um lar.

Bombom afirma que, para chegar até aqui, foi e é preciso continuar tendo “muito jogo de cintura” e paciência: “tem que ter muita cabeça para se manter ali e não desistir por causa de dois, três ou até 100 [que reclamam ou tentam arrumar intrigas], mas sempre naquele meio tem um Paulo Victor”.

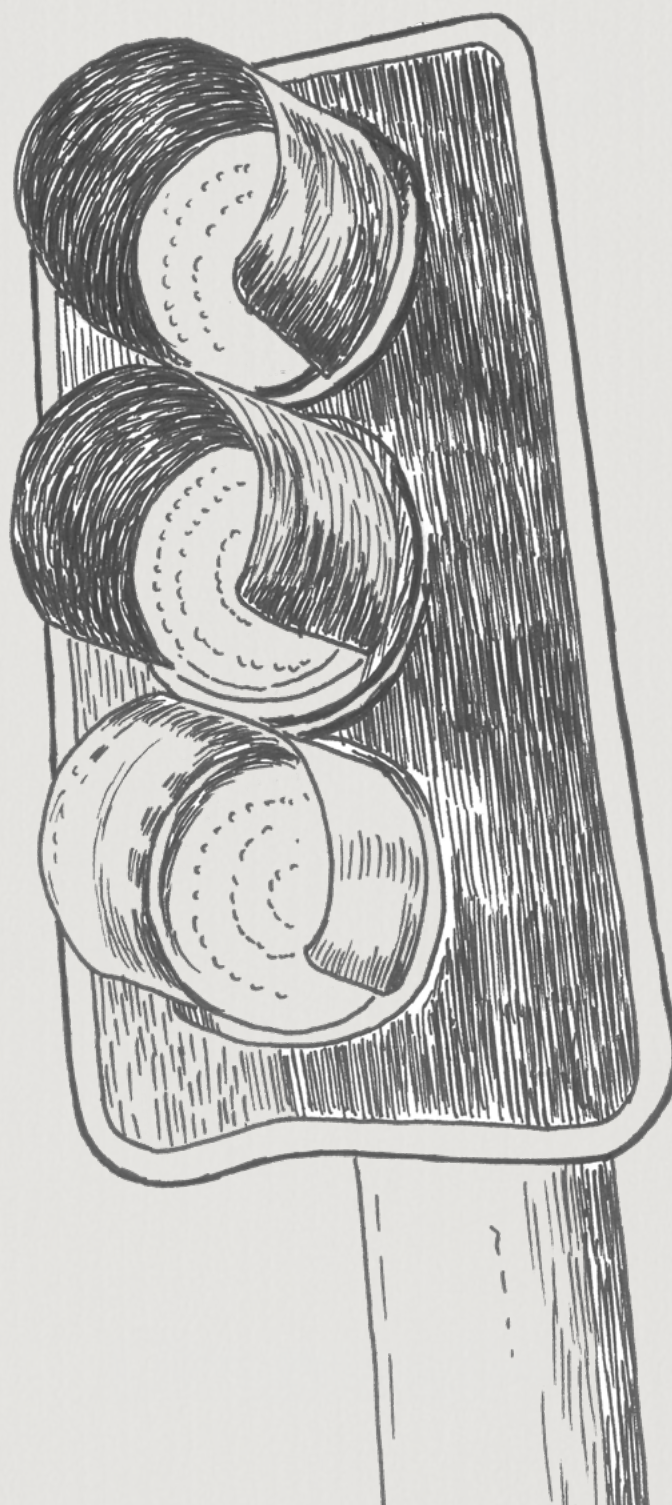
Paulo Victor é o grande parceiro de Bombom. Nascido em Salvador, também viveu entre abrigos e instituições sociais. Apesar das dificuldades, construiu sua carreira e se formou chefe de cozinha no Calouste. Seu caminho se cruzou com o da líder em 2019 e, em 2022, os dois trabalharam juntos como camelôs. Desde então o companheiro ajuda Bombom na distribuição de refeições, na organização dos mutirões e no preparo de alimentos — são o apoio um do outro.

Hoje em dia a líder sonha com mais ajuda para continuar realizando suas ações e em voltar a trabalhar com o comércio de rua, pois sua carroça e triciclo estão quebrados. Deseja uma cidade sem desigualdades e em que não existam pessoas em situação de rua: “tá faltando amor e empatia no momento”.

Sobre definir sua identidade de gênero e sexualidade sendo LGBTQIA+, prefere não usar um termo específico: “trans, gay, viado, não me incomoda com nada desde o momento que não tenha falta de respeito”. Para o futuro, se vê morando numa ocupação que tenha ganho por direito de moradia digna ou em um prédio do Minha Casa, Minha Vida “para dizer que eu venci. E dizer que a rua pode vencer, como muitos já venceram”. Avante, Bombom!

105

MOVIMENTOS



SANTO SKATE

POR FELIPE VIANA*



Oficina de fotografia e colagem no Morro da Providência

Skate não é só esporte! Vai muito além, é um estilo de vida que ocupa lugares — e todo lugar é um espaço de memória. O projeto “Santo Skate” divide um pioneirismo com o próprio Morro da Providência: é a primeira pista de skate no alto de um morro no Brasil e fica na primeira favela do país. O nome “Santo” faz referência simbólica ao território que está inserido, tendo a Pequena África como um solo sagrado e um monumento à herança africana. Quem nos diz isso é Vinícius Martins da Silva, homem negro de 35 anos, nascido e criado na Providência.

Lá, desenvolve o projeto junto à Casa Amarela, um centro de cultura, arte e educação. Em 2019, Vinícius apresentou a sua metodologia de ensino do skate na Casa e, a partir daí, juntos, começaram os trabalhos que culminaram na construção da pista. Quem

soma com o projeto é o professor Luís, também cria da Providência, que anda de skate com Vinícius desde 2005.

A pista surgiu a partir de uma laje pré-moldada e logo se transformou em uma skate-plaza, nome dado às pistas com obstáculos mais baixos. De início houve algumas resistências e estranhezas dos moradores quanto à sua construção, mas pouco a pouco o projeto foi ganhando espaço e respeito.

Historicamente, skatistas sofreram muita discriminação. Chegando a ter sua prática proibida por lei, nas ruas eles atraem olhares tanto de admiração quanto de preconceito. Vinícius acredita que desde 2021, com a modalidade do skate nas olimpíadas, a prática ganhou grande visibilidade nas mídias. Tais mídias, contudo, focam muito na performance, dei-

xando de lado os outros aprendizados incentivados pelo skate.

Buscando ir além, a coordenação pedagógica da Casa Amarela auxilia o programa com aulas de alfabetização para os jovens que precisam. A cultura do skate de rua ensina muito sobre humildade, sendo um espaço em que, nas palavras de Vinícius, “a galera se ajuda e se acolhe, é união”. É por isso que coletivos como o “Santo Skate” existem e reverberam: trazem como lema o respeito para que as crianças possam refletir e aplicar isso em suas vidas. Projetos como o “Bom de Bola, Bem na Escola” e o “Diamantes da Favela”, que também estão sendo apresentados nesta edição do jornal, também incentivam uma formação que vá além da desportiva.

*Este texto foi escrito a partir da escuta em entrevista com Vinícius e de oficinas de fotocoloragem realizadas pela equipe da Escola do Olhar junto aos participantes do projeto Santa Skate.



Fotocolagem produzida por Livia Bernardes



Jonathan e Antony



Vinicius Martins



pouco de suas experiências:

“Eu sempre tento visibilizar as crianças, mostrar que são capazes de conseguir o que elas quiserem na vida. Não só ape-

nas o skate-board. Ele é o caminho, a chave para abrir as portas, mas tudo que elas quiserem, elas são capazes. Vão cair e vão levantar e vão tentar de novo, que é o que o skate me ensinou”. (Vinicius Martins da Silva)

Skateboard foi o nome dado à prática dos jovens surfistas na Califórnia dos anos 50, que em tempos de poucas ondas adaptaram suas pranchas com rodinhas e começaram a “surfear” pelo asfalto e piscinas vazias da cidade. No Brasil, apesar de preservarmos o nome e as manobras em inglês, temos nossa identidade própria na cultura. Mas se perguntarmos aos skatistas sobre suas referências, facilmente ainda ouvimos nomes e sobrenomes gringos. Quando perguntamos ao Vinicius sobre as suas, ele nos trouxe uma visão mais próxima e palpável citando moradores da Providência como Maurício Hora e o JR, dois pioneiros da cultura local.

Como afirma o professor, “tudo que é novo traz um acesso e se expande”. Ter uma pista de skate no alto do Morro trouxe a curiosidade e, conseqüentemente, fez com que pessoas de outras localidades também o acessassem. Esse processo gera encontros potentes das crianças com outras pessoas de fora, como no evento de aniversário da pista do Santo, no fim de

agosto deste ano. A ocasião reforçou a importância do coletivo ao unir o “Instituto Ademaia” com a “Tropinha do S.A.” do Morro do Santo Amaro, o “Coletivo Skate Maré” e o coletivo paulistano “2 das Minas”, além de skatistas de vários lugares do Rio.

Entre tantas trocas e aprendizados, fica para nós o lugar de sabedoria: pensar que até os primeiros tiveram suas inspirações, que vieram antes e cultivaram os caminhos para que hoje outros possam trilhar – lá onde o eu se torna nós, um processo de respeito e coletividade.

Todas as comunidades têm culturas próprias, que são muito ricas – em sentidos que vão para além do financeiro. Da sorte desses encontros emerge uma sintonia fundada em trocas culturais, de conhecimentos, vivências e imaginações, que tantas vezes foge ao mundo dessas crianças, imersas no recorte da sua comunidade.

“Quando eu era moleque, eu achava que o morro era tudo, mas o skate me mostrou que não. Já viajei pra vários lugares do Brasil, fiz amigos através do skate. Tem que mostrar isso pra molecada”.

Cada vez mais o skate é definido como um “esporte” na nossa sociedade, mas para quem o pratica, essa definição é apenas uma parte de um todo, pois a cultura do skate se consolida principalmente pelos encontros, vivências e criação de memórias de cada bonde, gerando uma sociabilidade única que reverbera por toda a vida dos skatistas. Como diz o criador do Santo, “o skateboard é um coletivo”.

Questionado sobre os desafios da jornada, ele afirma que o maior deles é manter as crianças empenhadas no projeto. É por isso que surgiram as “rodas civilizatórias”, momentos de conversa e integração que têm o objetivo de despertar, nelas, o senso de coletivo. Em meio a esse processo Vinicius vem se entendendo, também, como um educador. Se formando em letramento racial, o professor aplica os conceitos aprendidos nas aulas, como uma via de mão dupla, onde todos podem receber e deixar um

BOM DE BOLA, BEM NA ESCOLA

POR MARCOS FRIGIDEIRA

Treinador no “Bom de Bola, Bem na Escola” há mais de 30 anos. Criado por Dona Constância, tia paterna, no Morro da Conceição. Responsável, também, pela Banda da Conceição.

Futebol quando a gente nasce e gosta, a gente vai fundo: é um sonho. Há mais de 30 anos, tento transformar esse sonho em realidade para as crianças do Morro da Conceição aqui no “Cocão”, único campo da comunidade. Eu costumo dizer que o esporte e o samba ensinaram tudo o que eu sei e o “Bom de Bola, Bem na Escola”

a garotada tá mais afastada, mas o futebol ainda é um esporte muito procurado, popular, que mexe com a mente e o corpo.

Eu também fui uma das crianças que viu, nele, a possibilidade de mudar de vida. Acredito e continuo com o projeto por todos esses anos para que os jovens daqui tenham o futuro que a gente mere-

é lado e eu não deixo que os desafios limitem o Bom de Bola, mas ter uma estrutura boa para mim e para os meninos faz falta. A ajuda que eu tenho é de amigos, arrumo colete com uns e bola com outros. A sorte é ter alunos que me ajudam a organizar as aulas, como o Maycon e o Leandro. É bom que os maiores que já estão aqui há mais



Marcos Frigideira conduzindo treino

nasceu para as crianças aprenderem a ter disciplina e outras qualidades não só no esporte, mas na vida.

Todos os sábados me reúno nesse campo do quartel com a molecada para que eles tenham uma tarde que una educação e diversão. Hoje em dia, com tanta tecnologia,

ce. E fico muito feliz das crianças terem, em mim, o respeito e o carinho. Me sinto valorizado e isso me engrandece. Grande parte dos alunos são daqui, mas também vem gente da Providência, da Saúde, Gamboa...

A gente mora num estado onde tem projeto pra tudo quanto

tempo sejam líderes porque aí os pequenos também vão aprendendo.

Sinto falta dessa estrutura porque seria bom oferecer pra molecada uns uniformes, lanches e até alugar van para conseguir levar eles para campeonatos.



No meio disso tudo a divulgação também acaba ficando limitada, mas um vai contando pro outro na rua, e novos meninos aparecem interessados. Já cheguei a ter duas turmas femininas a 10 anos atrás, mas hoje em dia a turma é de cerca de 20 meninos. Sei que, para aquela época, foi uma revolução: fiz até um torneio aqui na Conceição. Nunca tinha tido isso!

O futebol é o que leva alegria para as crianças e o Bom de Bola, Bem na Escola tá aí há três décadas para que elas não fiquem jogando no largo, no paralelepípedo, no meio de carro. É para que elas tenham um campo tranquilo, ainda que improvisado, pra poder correr à vontade e se preparar não só pra fazer gol, mas para terem boas notas na escola, se dedicarem, enxergarem o mundo diferente e viver bem.

Maycon (15) conheceu o projeto por Luiz, um amigo, e des-

de que entrou, por ser um dos mais velhos, ajuda Frigideira: “Eu ficava lá na Providência de bobeira e ele (Luiz) ‘pô, sábado e domingo tem o jogo lá do Frigideira, dos moleque’ [...] aí ele falava pra mim ‘ah, bora piar lá, e eu ‘bora’. Não tenho nada pra fazer, fico lá no morro como? De bobeira, sem fazer nada”.

Leandro Seabra (14), da turma atual, é o que está há mais tempo no projeto, já são 3 anos: “Mudei muita coisa, era ruinzão (no futebol), aqui o pessoal foi me ensinando e fui aprendendo [...] O Frigideira já tá velhinho, não tem voz direito pra ficar gritando, a gente dá uns gritinhos pra ele, um reforço na voz. De duas horas até quatro horas gritando não dá, né?”

Arthur Muniz (11), assim como grande parte dos outros jovens, treina em outras escolas e clubes. Já passou pelo Fluminense e hoje treina no Hebraica, em Laranjeiras: “Fui aprendendo a ter união, mais amizades e paciência com o futebol”.

Menandro Soares (12): “A gente se tornou mais companheiro. A gente vem melhorando no futebol. Aqui é um lugar onde qualquer pessoa pode vir pra fazer amizade. Aqui você aprende a trabalhar em equipe, o valor de ter um amigo, você aprende várias coisas”.

João Victor do Carmo (9), no Bem de Bola há 2 anos: “Aprendi amizade, muita coisa, graças à minha família e ao Frigideira, amo todo mundo. Mesmo eu errando muito, mas sempre vou amar todo mundo”.

João Gabriel Santos (9), treina no projeto há quase 3 anos: “Aprendi a não xingar, fazer amizade com os outros [...] Eu tava em casa e do nada o meu amigo me chamou pra vir pra cá, aí eu vim”.



Atletas do Projeto “Bom de Bola”

DIAMANTES DA FAVELA

POR NEY ROBSON

Professor de jiu-jitsu e CEO do Diamantes da Favela. Nascido e criado na Lapa, filho do Sr. Pedro e da Dona Edna. Marido de Lucy e pai atípico de 6 crianças.

Penso que os jovens da periferia são como os diamantes: indestrutíveis. Digo isso porque eles são forjados e lapidados sob uma pressão constante, entende? Foi com esse pensamento que surgiu o nome “Diamantes da Favela”, um projeto da gente e

pra gente, que fornece aulas de luta para crianças da Providência e vizinhos. Nosso Instituto nasceu em 2018 com a missão de transformar as vidas das mais de 400 crianças que já passaram pelo nosso tatame, trazendo a elas dignidade por meio do esporte

Mas a real é que, pra gente, o que importa não é só levar os alunos até a sonhada faixa preta ou para competir nos campeonatos. Nosso objetivo é formar atletas que sejam campeões na vida, e não só na luta. Por isso, o trabalho do Diamantes vai além: oferecemos reforço escolar, alimentação e um aprendizado com muita sensibili-

dade. O que a gente quer é trazer direcionamento para quem chega, promovendo a cidadania, educação, cultura e saúde junto com as aulas de jiu-jitsu, luta livre e muay thai.

alunos. E não adianta formar esse tanto de atleta se fora daqui eles vão estar sem direção, sem caminho. Então nós, professores, buscamos sempre entender como eles chegaram até o projeto e como podemos ajudá-los para além da ação desportiva. A maioria vem

das ocupações da Zona Portuária e, com a oportunidade, a gente evita que entrem para as estatísticas e mostramos que o pódio também é possível para eles.

E não é porque você tá dentro de uma comunidade, dando aula num projeto social para pessoas em vulnerabilidade, que você tem que vir ensinando de qualquer jeito. A nossa equipe de mestres é preparada para lidar com as inseguranças e trajetórias de cada um dos nossos alunos. Eles têm suas histórias e a gente tem que entender isso, ser capaz de levar o jiu-jitsu que tem lá na Barra pra dentro da favela e fazer a diferença na vida de quem confia no nosso trabalho.

Atualmente, temos cerca de 120

Não esqueço de um aluno que, depois de ficar no ranking de uma competição, virou pra mim e disse: “Você tirou um fuzil da minha mão e me deu uma armadura mil vezes mais poderosa, que é o kimono.

Você me trouxe dignidade, mestre, obrigado”. Tem como não botar fé no que a gente faz? Hoje em dia me perguntam “quantos filhos ‘cê’ tem?” e eu falo que é mais de mil.



Atletas do Projeto "Diamantes"

Uma das coisas que mais me orgulha no Diamantes é nosso trabalho com jovens com deficiência. Eu tenho um filho autista e pra mim é muito importante que o projeto seja inclusivo, por isso a gente planeja as aulas de acordo com a necessidade de cada um. É a gente ver uma visão de mundo, mas saber que existem outras. Nisso tudo a gente mexe até com os pais, que se sentem felizes em ver os filhos sendo incentivados.

A nossa região precisa de um olhar mais sensível, humanizado. O Diamantes é uma das ferr-

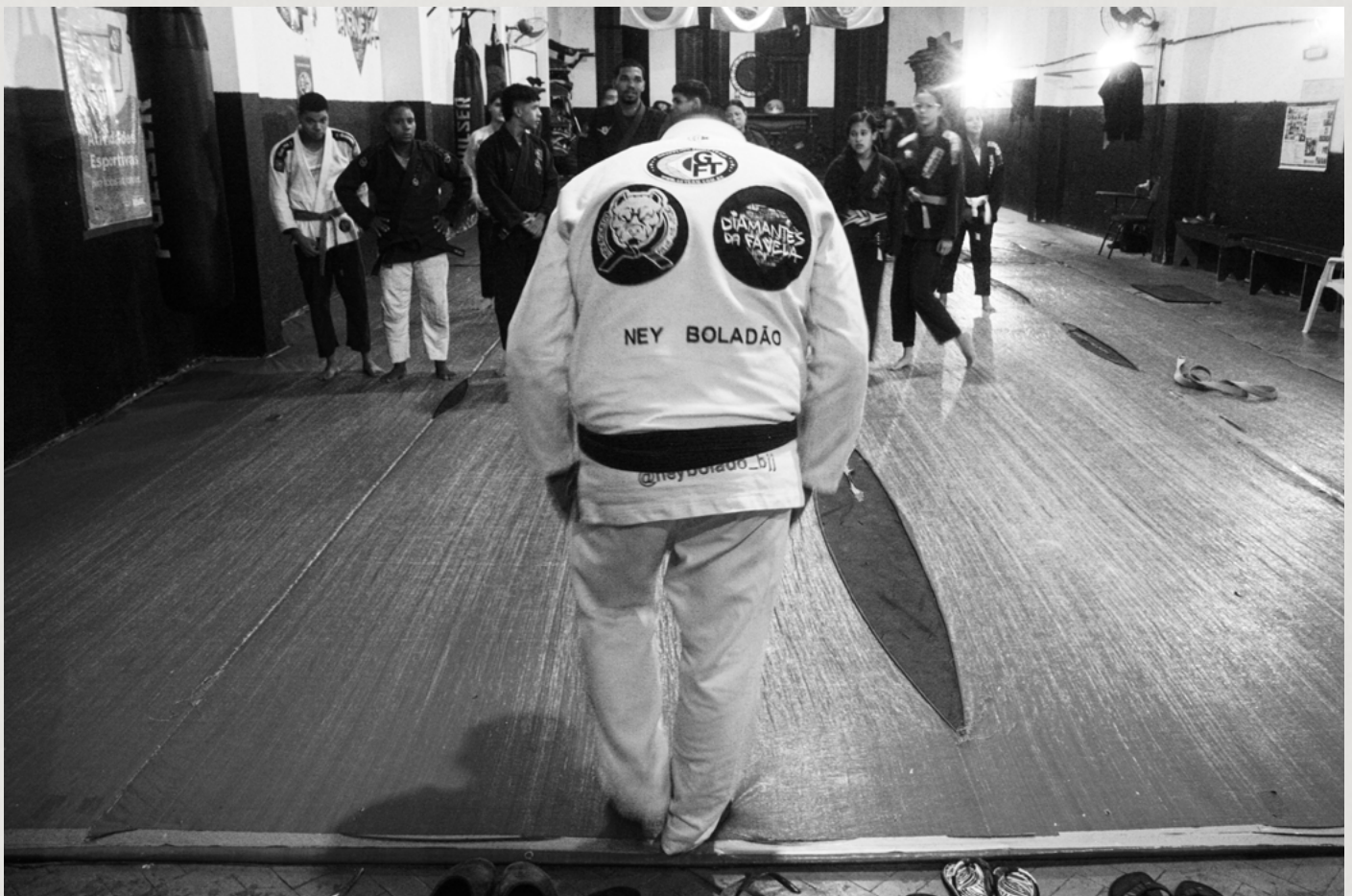
mentas de transformação do nosso território e se sustenta pela coletividade e com o apoio de escolas e de outros projetos. Precisamos de mais para continuar crescendo e conseguir fornecer aulas e auxílios diferentes, por isso estamos correndo atrás da regularização jurídica.

Nós podemos ser minoria, mas é a minoria que faz uma parada gigante e, no ranking da vida, a gente quer poder continuar sonhando com o topo.

Seguimos na luta!

Ney Robson





LUZIETE FERNANDES, PRESENTE!

POR ESCOLA DO OLHAR



Mãe, empreendedora, crítica, contadora de histórias, educadora, amiga, quituteira e nossa grande parceira e vizinha do MAR.

Luz estava conosco desde o início do Café com Vizinhos, atividade realizada pela Escola do Olhar, com o objetivo de articular e se relacionar com os moradores da Zona Portuária. Sempre participativa e crítica, levantava questões necessárias para seguirmos caminhando juntos e criava atmosferas afetuosas entre muitos.

Nesta imagem, Luz quando foi convidada para falar no evento de aniversário dos 10 anos do MAR. Na ocasião, representou nossos vizinhos e reforçou seu papel enquanto voz ativa e participativa: “Sempre gostei de falar para o público, nunca usei rascunho, anotações. Falo de improviso, uso minha voz para levantar bandeira em prol de uma causa — seja social,

racial, igualdade de gênero... E sabe como aprendi isso? Ouvindo! Gosto de ouvir histórias bem contadas, histórias mal contadas, histórias de pessoas simplórias, de pessoas com histórias de vida. Foi ouvindo que aprendi a separar o joio do trigo. Hoje em dia minha voz não está boa. Mas também gosto de ouvir as pessoas que comunicam-se por linguagem de sinais.”

O céu está em festa, cheio de luz e alegria como você bem fez em todos os espaços do Museu de Arte do Rio. Obrigada por construir o MAR com a gente todos esses anos, Luz! Sua memória, afeto, sua criticidade e seu sorrir com os olhos bem apertados sempre serão lembrados por todos nós.

Celebraremos sua existência todos os dias, Dona Luziete.



SERVIÇOS

INSTITUTO AYÓ

Saiba mais em: @institutoayo
link de formulário na descrição do perfil.
Rua Bento Ribeiro 85, primeiro piso

ELAS POR ELAS

Saiba mais em: @elasporelasprovidencia

PROVIDENCIANDO

Público-alvo: mulheres e crianças
Quando: Segunda a Sexta de 8h às 16h
Como acessar: Rua da América, 81 - Santo Cristo
[No endereço, a direção pode atender e
direcionar para os projetos]
Saiba mais em: @providenciando

CASA ESCRIVÊNCIA

Sede atual: Beco João Inácio, 4 - Saúde
(no Largo da Prainha)
casaescrivenciaoficial@gmail.com

UM CAJUEIRO DE HISTÓRIAS

Saiba mais em:
@kjukultural @rio.fabikeller

BOMBOM

Formas de apoiar:
PIX: willianeangelistafreire@gmail.com
Local para doações:
R. Teófilo Otoni, 97 - Centro, RJ
(Atrás da Igreja Santa Rita, Largo de Santa Rita)

SANTO SKATE

Público-alvo: crianças de 6 a 15 anos
Quando: Segundas - Quartas - Quintas
Onde: Pista Santo Skate Park, Praça Américo Brum
Saiba mais em:
santoskate.rj@gmail.com
@santo_skate

BOM DE BOLA

Quando: Todos os sábados, das 14h às 16h
Onde: Praça Major Valô, no campo da Fortaleza da
Conceição. Pode acessar de carro ou a pé por todas
as subidas do Morro da Conceição, sobretudo pela
Rua Major Daemon.

DIAMANTES

Quando: Segunda a sexta das 18h às 21h30
Onde: Rua do Livramento 81/ 3º andar - próximo
a estação do VLT Praça da Harmonia.
Saiba mais em:
projeto-diamantes-dafavela@gmail.com
@neybolado_bjj
@diamantes_da_favela
(21) 97306-0563 Whatsapp do Ney

CAÇA PALAVRAS

As palavras deste caça
palavras estão escondidas
na horizontal e vertical, sem
palavras ao contrário.

AKAYU - BAIRRO

BIBLIOTECA - CAJU - CARTOLA

CONCEIÇÃO - LADEIRA - LIVRO

MAPA - PRAÇA - SOCORRINHO

B S M A P A I G E P E D
I O A D C R E N T D U T
B C S T A H E O S P T T
L O D U R D T C B R W D
I R U N T J O N A A I R
O R L C O N C E I Ç Ã O
T I I E L K L E R A H A
E N V L A D E I R A C I
C H R A K A Y U O H V W
A O O N U L E E S D T N
A T A C A J U R N H I C
T U T E R D E G K I C S

CRÉDITOS JORNAL

Edição Geral

Felipe Viana
Leo Albuquerque
Patrícia Marys
Raquel Carriconde
Robnei Bonifácio

Produção Editorial

Raquel Carriconde

Editor de Conteúdo

Luís Gustavo Carmo

Revisão

Victor Garofano

Design Gráfico

João Gabriel Peixoto
Marla Rabelo

Ilustração

Robnei Bonifácio

Fotos

Beatriz Gimenes
Douglas Dobby
Robnei Bonifácio

Impressão

WSM Gráfica

Colunistas

Coletivo Caju Cultural
Coletivo Elas por Elas Providência
Conceição Evaristo
Felipe Viana
Jinaki Ketema
Marcos Frigideira
Miriam Generoso
Ney Robson
Patrícia Marys
Raquel Spinelli
Ruanna Sander
Robnei Bonifácio
Tatiana Paz

FICHA TÉCNICA MAR

Museu de Arte do Rio Museo de Arte de Río Rio Art Museum

Mariano Jabonero

Secretário-Geral da OEI
Secretario General de OEI
General Secretary of OEI

Raphael Callou

Diretor-Geral de Cultura da OEI
Director General de Cultura
de OEI
General Director of Culture of OEI

Rodrigo Rossi

Diretor e Chefe da Representação
da OEI no Brasil
Director y Jefe de la
Representación de la OEI en Brasil
Director and Head of the OEI
Representation in Brazil

Amira Lizarazo

Coordenadora de Administração e
Finanças da OEI no Brasil
Coordinadora de Administración
y Finanzas de la OEI en Brasil
Administration and Finance
Coordinator at OEI in Brazil

Sandra Sérgio

Diretora Executiva do MAR
Directora Ejecutiva del MAR
Executive Director
Coordenadora de Projetos
Especiais da OEI no Brasil
Coordinadora de Proyectos
Especiales de la OEI
en Brasil
Special Projects Coordinator
at OEI in Brazil

Telma Teixeira

Coordenadora de Cooperação e
Desenvolvimento da OEI no Brasil
Coordinadora de Cooperación y
Desarrollo de la OEI en Brasil

Cooperation and Development
Coordinator at OEI Brazil

Gabriela Castilho

Coordenadora-Geral de
Administração do MAR
Coordinador de
Administración General del MAR
General Administration
Coordinator at MAR

Leandro Bertoletti

Gerente de Comunicação da
OEI no Brasil
Gerente de Comunicación de
la OEI en Brasil
Communication Manager at
OEI in Brazil

Luiz José da Silva

Gerente de Administração da
OEI no Brasil
Gerente de Administración
de la OEI en Brasil
Administration Manager at
OEI in Brazil

Fábio Ferreira Mendes

Gerente de Tecnologia da OEI
no Brasil
Gerente de Tecnología de la
OEI en Brasil
Development Analyst at OEI
in Brazil

Marcelo Andrade

Coordenador de Comunicação
de Equipamentos Culturais da
OEI no Brasil
Cultural Equipment
Communication Coordinator
de la OEI en Brasil
Coordinador de Comunicación
de Equipamiento Cultural at
OEI in Brazil

Patrícia Marys

Coordenadora de Educação
de Equipamentos Culturais e
Escola do Olhar da OEI no Brasil
Education Coordinator of Cultural
Equipment and Escola do Olhar
de la OEI en Brasil
Coordinador Educativo de
Equipamiento Cultural y
Escola do Olhar at OEI in Brazil

Marcelo Campos

Curador Chefe
Curador Jefe
Chief Curator

Amanda Bonan

Gerente de Curadoria
Gerente de Curaduría
Curatorship Manager

Andréa Zabrieszach dos Santos

Gerente de Museologia
Gerente de Museología
Museology Manager

Carla Cal

Gerente de Relações
Institucionais e Eventos
Gerente de Relaciones
Institucionales y Eventos
Institutional Relations and
Events Manager

Matheus Silva

Gerente de Planejamento
e Projetos
Gerente de Planificación
y Proyectos
Planning and Project Manager

Stella Paiva

Gerente de Produção
Gerente de Producción
Production Manager

Alan Martins

Analista Financeiro
Analista de Finanzas
Financial Analyst

Alverindo Borges

Oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento
Hidráulico
Hydraulic Maintenance
Technician

Amanda Minguta

Assistente Administrativa
Asistente Administrativa
Administrative Assistant

Amanda Rezende

Curadora Assistente
Curador Asistente
Assistant Curator

Ândrea Müller

Assistente de Relações
Institucionais
Asistente de Relaciones
Institucionales
Institutional Relations Assistant

Bernard Gotelip

Supervisor de Design
Supervisor de Diseño
Design Supervisor

Bruna Nicolau

Museóloga
Museóloga
Museologist

Caroline Silva

Analista de Infraestruturas e
Sistemas
Asistente de Infraestructuras y
Sistemas
Infrastructure and Systems
Assistant

Cayo Lima

Assistente Administrativo
Asistente Administrativo
Administrative Assistant

Clarice Saisse

Educadora
Educadora
Educator

Claúdia Araújo

Assistente Administrativo da
Escola do Olhar
Asistente Administrativo de la
Escola do Olhar
Administrative Assistant at Escola
do Olhar

Enzo Accioly

Assistente Financeiro
Asistente Financiero
Financial Assistant

Felipe Viana

Educador de Projetos
Educador de Proyectos
Project Educator

Guilherme Carvalho

Educador Pleno
Educador Pleno
Mid-level Educator

Hugo Pansini

Assistente de Produção
Asistente de Producción
Production Assistant

Isabela Cruz

Assistente de Gestão de Acervo
Museológico
Asistente de Gestión de
Colecciones de Museo
Museum Collection Management
Assistant

Iuna Patacho

Produtor
Productor
Producer

Jean Carlos Azuos

Curador Assistente
Curador Asistente
Assistant Curator

João Gabriel Peixoto

Design Gráfico
Diseño Gráfico
Graphic Design

Josecleiton dos Santos

Oficial de Manutenção Elétrica
Técnico de Mantenimiento
Eléctrico
Electrical Maintenance Technician

Juliana Cazumbá

Educadora
Educador
Educator

Karen Merlim

Bibliotecária e Documentalista
Bibliotecaria y Documentalista
Librarian and Documentarian

Luana Santos

Assistente de Gestão de Acervo
Museológico
Asistente de Gestión de
Colecciones de Museo
Museum Collection Management
Assistant

Leo Albuquerque

Produtor da Escola do Olhar
Productor de la Escola do Olhar
Producer at Escola do Olhar

Luciano Pereira

Oficial de Manutenção Elétrica
Técnico de Mantenimiento
Eléctrico
Electrical Maintenance Technician

Marcos Inácio Meireles

Supervisor de Montagem
Supervisor de Instalación de Obras
de Arte
Artwork Installation Supervisor

Maria Rita Valentim

Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

Miguel Arthur

Supervisor de Operações
Supervisor de Operaciones
Operations Supervisor

Nana Rosas

Produtora da Escola do Olhar
Productor de la Escola do Olhar
Producer at Escola do Olhar

Nara Campos

Bibliotecária e Mediadora Cultural
Bibliotecaria y Mediadora Cultural
Librarian and Cultural Mediator

Natan Cardoso

Educador
Educador
Educator

Nathan Gomes

Assistente de Operações e T.I
Asistente de Operaciones y TI
Operations and IT Assistant

Nicholas Bastos

Produtor
Productor
Producer

Priscilla Casagrande

Assessora de Imprensa
Asesora de Prensa
Press Advisor

Priscilla Souza

Educadora de Projetos
Educadora de Proyectos
Project Educator

Priscila Zurita

Assistente de Museologia
Asistente de Museología
Museology Assistant

Rafael Braga

Analista de Relações Institucionais
Analista de Relaciones
Institucionales
Institutional Relations Analyst

Renata de Almeida

Assessora de Comunicação
Asesor de Comunicación
Communication Advisor

Renato Dias

Montador
Técnico de Instalación de Obras
de Arte
Artwork Installation Technician

Renato Vieira

Produtor
Productor
Producer

Rosinaldo José de Oliveira

Oficial de Manutenção Hidráulica
Técnico de Mantenimiento
Hidráulico
Hydraulic Maintenance Technician

Saturno Douglas

Produtor
Productor
Producer

Tatiana Paz

Educadora
Educadora
Educator

Thainá Nascimento

Assistente de Projetos
Asistente de Proyecto
Project Assistant

Thais Moura

Produtor
Productor
Producer

Thayná Trindade

Curadora Assistente
Curador Asistente
Assistant Curator

Verônica Vieira

Produtor
Productor
Producer

Nathália Gonçalves

Supervisora de Atendimento
Service Supervisor
Supervisor de Servicio

**Fernanda Cristina Cruz,
Leticia Barbosa, Luara Victória
Castro, Regina Barbosa, Thaís
Carneiro, Yan Villarinho**

Assistentes Operacionais
Asistentes Operativos
Operational Assistants

**Arthur Dupim,
Clara Hamamura, Dhandara
Mariano, Firmino Pereira,
Gabriel André, Gabriela
Duarte, Jefferson Verissimo,
Jonathan Soares, Juliana
Antunes, Júnior Lima,
Lennon Tibúrcio, Ludmyla
Nascimento, Mylena Godinho,
Rafael De Paula, Raquel
dos Santos, Reinan Queiroz
e Silvia Amâncio**

Monitores
Monitores
Monitors

**Alice Nascimento, Carol
Nunes, Davi Arcoverde,
Sthefany Lopes, Graziela
Simões, Jaqueline Borges,
Luís Gustavo Carmo e Taina
Ribeiro**

Estagiários
Pasantes
Interns

**PREFEITURA DO
RIO DE JANEIRO
Ayuntamiento de
Rio de Janeiro
Rio de Janeiro City Hall**

Eduardo Paes

Prefeito
Alcalde
Mayor

Marcelo Calero

Secretário Municipal de Cultura
Secretario Municipal de Cultura
Municipal Secretary of Culture

Ana Paula Teixeira

Subsecretária de Gestão
Subsecretaria de Gestion
Undersecretary of Management

Mariana Ribas

Subsecretária Executiva
Subsecretaria Ejecutivo
Executive Undersecretary

Flávia Piana

Chefe de Gabinete – SMC
Jefe de Gabinete
Chief of Staff

Heloísa Queiroz

Gerente de Museus
Gerente del Museos
Museums Manager

CONMAR

**CONSELHO MUNICIPAL
DO MUSEU DE ARTE DO
RIO – CONMAR
CONSEJO MUNICIPAL DEL
MUSEO DE ARTE DE RÍO
MUNICIPAL COUNCIL OF
THE RIO ART MUSEUM**

Luiz Chrysostomo

Presidente
President

**José Roberto Marinho, Geny
Nissenbaum, Hugo Barreto,
Luiz Paulo Montenegro,
Marcelo Calero, Paulo
Niemeyer Filho, Pedro
Buarque de Holanda, Ronald
Munk, Eduardo Cavaliere**

Conselheiros
Consejeros
Counselors

INSTITUTO

ARTECIDADANIA

Correalização
Co-realización
Co-realization

José Peixoto da Silveira Junior

Diretor Presidente
Director Presidente
CEO

**Animus Consultoria
e Gestão**

Michelle Ferraresso

Mariana Ximenes

Mariana Teixeira

Consultoria e Gestão
Administrativa e Financeira
Administrative and Financial
Consulting and Management
Consultoría y Gestión
Administrativa y Financiera

**CQS/FV – Cesnik, Quintino,
Salinas, Fittipaldi e Valerio
Advogados**

Fabio de Sá Cesnik

José Mauricio Fittipaldi

Aline Akemi Freitas

Flavia Manso

Assessoria Jurídica
Asesoría Jurídica
Legal Advice

**SQUIPP Consultoria e
Contabilidade**

Neuseli Virgens

Assessoria Contábil
Asesoramiento Contable
Accounting Advice

Ficha catalográfica Jornal dos Vizinhos

O45 O Olhar dos vizinhos no jornal da zona. – v.7, (2024-). – Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio: Escola do Olhar, 2024.

v.7; il.; 31cm

Anual, 2018-

Impresso

1. Arte-Educação – Pesquisa – Periódicos 2. Mediação Cultural – Museus. 3. Território – Vizinhos – Museu de Arte Rio de Janeiro. I. Viana, Felipe. II. Albuquerque, Leo. III. Marys, Patrícia. IV. Carriconde, Raquel. V. Bonifácio, Robnei. VI. Museu de Arte do Rio. VII. Organização dos Estados Ibero-americanos.

CDU 37(05)"550.1"

Bibliotecária: Nara Campos – CRB-7 /75740

Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
e Secretaria Municipal de Cultura
apresentam



ESCOLA
DO OLHAR

JORNAL DOS VIZINHOS

O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

Mantenha a cidade limpa.

Não jogue em via pública.
Faça o descarte consciente.

MANTENEDOR



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



APOIO



PARCEIRO DE MÍDIA



GESTÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO

